

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCSO
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**VOCÊ É SURDO OU OUVINTE? ETNOGRAFIA COM SURDOS EM JUIZ DE
FORA - MG**

PAULA GUEDES BIGOGNO

PAULA GUEDES BIGOGNO

**VOCÊ É SURDO OU OUVINTE?
COM SURDOS EM JUIZ DE FORA - MG**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração: Diversidade e Fronteiras Conceituais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador (a): Prof. Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra

Juiz de Fora

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bigogno, Paula Guedes .
Você é Surdo ou Ouvinte? : Etnografia com Surdos em Juiz de Fora - MG / Paula Guedes Bigogno. -- 2013.
70 p. : il.

Orientadora: Rogéria Campos de Almeida Dutra
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013.

1. Cultura Surda. 2. Libras. 3. Contexto Urbano. I. Dutra, Rogéria Campos de Almeida, orient. II. Título.

PAULA GUEDES BIGOGNO

**VOCÊ É SURDO OU OUVINTE?
ETNOGRAFIA COM SURDOS EM JUIZ DE FORA - MG**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração: Cultura, Poder e Instituições, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 24 de Julho de 2013

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. ROGÉRIA CAMPOS DE ALMEIDA DUTRA
Universidade Federal de Juiz de Fora

PROF^a. DR^a MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA
Universidade Federal de Juiz de Fora

PROF^a. DR^a JULIANA ALVES MAGALDI
Faculdade Estácio de Sá

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha família, em especial a minha mãe, Elizabeth, que com carinho e criatividade, desde sempre incentivou minha vida de estudante e à minha tia, Iracema, com quem sempre pude contar emocional e materialmente. A minha avó, Antônia, pelo carinho incondicional, a minha irmã, Fernanda, por me *pentelhar* e incentivar todos esses anos. A minha tia Helena, pelo carinho e pela força. Ao meu primo Fabiano, pela inspiração e incentivo. Ao meu pai, Paulo, pelo carinho e pelo gosto de aventura transmitido, tão importante na Antropologia. A minha avó Aparecida e ao meu avô Antônio (*in memorian*), ao meu tio José Fernando e a todos os muitos outros tios, **tias** e primos pelo carinho e pelo apoio. A minha prima Lidiane (*in memorian*) pelas lições de vida. Ao meu tio Ronald (*in memorian*) pelo carinho e pelo incentivo. A Robson e Gustavo, filhos de **Fabiano**, pelos gracejos que me trazem alegria e que novamente me fazem refletir sobre o *mundo dos surdos* e suas interfaces com o *mundo ouvinte*. A Cristiana, mãe deles, pelo carinho de sempre.

Agradeço a Ana Paula Evangelista e ao Vinícius Campos Freita pelo companheirismo. A Helena Ribeiro e Luiziane Nascimento com quem dividi momentos importantes no CAEd¹. Aos colegas Daisy C.G., Camila Marassi, Arísio Fonseca, Tarcísio Fernandes, Rodrigo Dutra... A Suelen Masson, René E. Rocha, Alânia Magalhães, Marcela da Paz, Larissa Batistão, Fabrício Andretto, Luciano Moreira e Rafaela Reis, por terem me apoiado em momentos difíceis. Aos amigos do teatro Melissa Alves, Fernanda Rebelatto, Rodrigo Coelho, Dáfine Cruz, Camila Mozart, Renan Chinelate, Victor Sobral, Shayra Monteiro, Bianca Pereira, Karina Klippel, Junior Gomes, Aylla Prata, Letícia Nogueira, Joice Castilho (a ***Simbiose!***), além da Bianca, da Mathilde, do Gilberto e do *Seu Domingos*, pessoas com quem tive momentos aprendizagem e divertimento maravilhosos. A José Wellington de Souza, pelos comentários importantes. Ao poeta Ugo Leonardo, pelo poema *Surdo é quem não vê*. A artista e amiga Sil Andrade e a poeta e amiga Patrícia Almeida pela companhia. A Renata Rodrigues, Leonardo Cunha, Marcos Marinho, Alexandre Gutierrez, Letícia Nabuco, Hussan Fadel, Cesar Tabet, Ramon Santos, Elmir Santos, Guilherme Oliveira,

¹ Agradeço também a companhia de muitos colegas de trabalho no CAEd. Em especial, Adriana Silva, Luciana Oliveira, Wallace F. Rodrigues, Rosilene Cardoso, Daniel Freitas, Daniel Albergaria, Karine de Carvalho, Jéssica Fachineto, Ana Paula Lima e Franklin Soldati.

Lucas Soares, Larissa Oliveira, Jana Castro e Daniel Manganelli pelo inspirador contato com as artes. A Sintia Helpes, Otávio Maia, Aron Giffoni, Madeleine Neri e Thiago Alexandre, pelos comentários sobre as imagens gravadas e a Luciana Grilo, pela edição.

A **Professora Dra. Rogéria Campos de Almeida Dutra**, por ter acreditado em mim, pela orientação dedicada, pela paciência e pelo apoio. Posso afirmar que essa dissertação não seria concluída se não fosse sua generosidade e seu trabalho com afinco. Ao Professor Dr. João dal Poz e ao Secretário Ms. Francisco Filho, que inicialmente mediaram minha transição de orientação. A Professora Dra. Beatriz de Basto Teixeira, pelo incentivo à pesquisa e conhecimento transmitido através das aulas e da pesquisa gestão e liderança no CAEd. Ao Professor Dr. José Alcides F. Santos, pelo conhecimento de parte importante da Sociologia. A Professora Dra. Marcella Beraldo, pelo acolhimento de possível orientação, pelas contribuições da qualificação e da defesa, além da oportunidade de estágio em sua disciplina de metodologia qualitativa. Ao Professor Dr. André Gaio, pelas contribuições e pelo incentivo no exame de qualificação. Aos demais professores e colegas do PPGCSO e da graduação pelo conhecimento compartilhado. Ao professor Dr. Dmitri Fernandes, atual coordenador do PPGCSO, por ter aceito meu pedido de retorno quando havia desistido. Aos Professores, Octavio Bonet e Fátima Tavares pela oportunidade de iniciação científica. A Professora Dr. Jurema Brites pelo estímulo criativo. Ao Professor Dr. Raul Magalhães, que em 2007, sugeriu-me que filmasse os surdos. A Professora Dra. Juliana Magaldi, pelas contribuições na banca.

A *comunidade surda* de Juiz de Fora, a ASJF, ao CECEL e em especial, a Deborah, Raquel, Lucas, Gisele e Andrea pelas entrevistas. Aos instrutores Lucas, Bruno e Gustavo pela aprendizagem de Libras. Ao Arnaldo e ao Rodrigo, pela abertura inicial. Aos intérpretes Francislaine, Karina, Gisele (novamente), Gabriel, Vívian, Fabiano, Renan e Vitor, por serem exemplos de mediação. À antiga AEPD, em especial à Maria Ângela (*in memorian*), Wesley e dona Vera. Ao Instituto Bruno, em especial a Maria do Carmo, Helciane, Hélcio, Diego, Wallerson e Daniela que me mostraram que sensibilidade e inteligência não tem nada a ver com retórica nem com diplomas. Ao professor Ms. Carlos Rodrigues, do GEES/NEPED, às intérpretes Carla e Sônia e aos demais colegas do grupo, com quem pude ampliar um pouco meus conhecimentos sobre Libras e educação de surdos, durante o acompanhamento de algumas reuniões em 2011.

Ao Professor Dr. José Guilherme Magnani, ao César Assis Silva e a Jacqueline Teixeira pela oportunidade de apresentação e pelas contribuições no seminário *Graduação em Campo*, em 2008.

Aos meus alunos e às equipes das escolas Maria Elba Braga, Coronel Antônio Peçanha e Sebastião Patrus de Souza e do Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas com quem troco saberes e que tanto têm me ensinado. Em especial, André, Rosimara e Ana Luísa. Aos *companheir@xs* do PSTU, do Sind Ute e do Movimento Mulheres em Luta pelo exemplo de força e resistência revolucionária. Em especial Tallia Sobral, Priscila Rocha, Mariana Almeida, Felipe Fonseca, André Nogueira, Alessandro Furtado, Tainara Campos, Sintia Helpes, Nem L. M., Larissa Moreira, Victoria Mello, Sônia Regina, Celinha, Jussara Felizardo e Gilvanildo Guimarães.

Não poderia deixar de agradecer a psicanalista Agnes, cujo trabalho me fortalece desde antes do mestrado, nem ao Eidivar e a Mara por terem entrado para a família, nem a Suzete e família pelo carinho, nem a Clarissa De Godoy Menezes, Rafael Lewenstein e Lana Meyer e pela atenção em momentos de confusão e realização, nem a pessoas por quem tenho grande carinho, mesmo sem tanto convívio, como Juliana Blaser, Gabriel Silva, Saulo Assis e Rafael Lopes, que de alguma forma também contribuíram para este trabalho.

Finalmente, agradeço à CAPES, pela bolsa e pela oportunidade de estágio de docência na universidade e também aos amigos Ana Paula Evangelista (novamente) e ao Arthur Silva, da Evangelista e Associados pela consultoria e pela revisão, assim como ao pessoal da Duplicópia pela ajuda nos defeitos da minha formatação antes da defesa e a Chrismare Encadernações pela versão capa dura, aguardada há mais de ano.

Paula

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo a investigação de um grupo de surdos na cidade de Juiz de Fora, que a partir da reivindicação de reconhecimento e inserção social, tem construído uma rede de interações, propondo-se a vivenciar uma “comunidade surda”. Além da particularidade sensorial dessas pessoas e do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), foi observado um caráter militante, ativista nos discursos sobre surdez, que inclui as noções de identidade, comunidade e cultura. O trabalho de campo foi realizado e encontros diversos promovidos pela Associação dos Surdos de Juiz de Fora (ASJF), tais como palestras e festas. O principal espaço de pesquisa foi o Centro de Educação e Cultura para o Ensino de Libras (CECEL), especialmente nos momentos em que funcionava como um “clube de surdos” (SACKS, 2005).

Palavras-chave: Comunidade Surda, Libras, Contexto Urbano.

ABSTRACT

This text aims to investigate a group of deaf people in Juiz de Fora -MG, Brasil. This group claims to recognition and social inclusion. It has built a network of interactions, proposing to experience a "deaf community". Besides the sensory characteristic of these people and the use of the Brazilian Sign Language (Libras), there was a militant character because of the activist discourses on deafness, including the notions of identity, community and culture. The search has included several meetings promoted by the Association of the Deaf of Juiz de Fora (ASJF), such as lectures and parties. The main place of research was the *Centro de Educação e Cultura para o Ensino de Libras* (CECEL), especially at times when it operated as a "deaf club" (SACKS, 2005).

Keywords: Deaf Community, Brazilian Sign Language, Urban Context.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1 A QUESTÃO DOS SURDOS	06
1.1 UMA PRIMEIRA PESQUISA ANTROPOLÓGICA: O ANTROPÓLOGO DE GABINETE E.B. TYLOR PARECE TER IDO A CAMPO.	12
1.2 CULTURA, COMUNIDADE E IDENTIDADE: UM CONTEXTO MILITANTE DE INTERAÇÃO E SOCIABILIDADE	13
1.3 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS), A PRINCIPAL FORMA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS BRASILEIROS	15
1.4 COMUNICAÇÃO E AFIRMAÇÃO DA DIFERENÇA.....	16
1.5 “VOCÊ É SURDO OU OUVINTE?”	17
1.6 REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE CULTURA, COMUNIDADE E IDENTIDADE.....	20
2 O PROCESSO ETNOGRÁFICO	25
2.1 JÁ NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	27
2.2 QUERENDO CONTINUAR A APRENDER LIBRAS	31
2.3 UM ESTÁGIO NUM ÓRGÃO DA PREFEITURA E O PROJETO DE MESTRADO: PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO	32
2.4 O CONTRATO COM SURDO CEGOS NUMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL: O INSTITUTO BRUNO VIANNA	33
2.5 TRABALHO DE CAMPO PARA O MESTRADO.....	34
2.6 DIFICULDADES E SOLUÇÕES.....	38
2.7 UMA CURTA EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO E COMO ISSO INFLUENCIOU A PESQUISA	39
2.8 UMA VOLTA A CAMPO PARA FINALIZAR A PESQUISA.....	41
3 SOCIABILIDADE E FRONTEIRAS SIMBÓLICAS	48
3.1 RECONHECIMENTO.....	48
3.2 A NORMATIVIDADE DA CULTURA SURDA	52
3.3 SOCIABILIDADE E FRONTEIRA SIMBÓLICAS	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXO 1	69
ANEXO 2	70

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, inicialmente, teve como pressuposto a noção de que o contexto de vida das pessoas com surdez é caracterizado por dificuldade na comunicação e segregação. Em seguida, veio a questão da língua de sinais. Tenho um primo surdo e uma história familiar que me fazem pensar sobre o tema.

Aprendemos muitas coisas, não somente com a atenção auditiva direta. Mesmo que estejamos dispersos dessa atenção, realizando outras tarefas, ainda assim apreendemos o mundo através da audição, aprendemos palavras e formamos ideias. Para uma pessoa surda esse processo é diferente. Ainda que possa existir algum resíduo auditivo¹, a percepção do mundo é predominantemente visual. É possível também, claro, apreender o mundo através de cheiros ou, pelo tato, perceber as vibrações de um som.

Muitas características peculiares têm sido atribuídas aos surdos por eles mesmos ou por pessoas próximas. A esse respeito, é importante destacar o conceito de representações sociais que “refere-se tanto ao modo de pensar, conceber ou perceber, quanto ao que é pensado, concebido ou percebido” numa sociedade (DURKHEIM *apud* COHN, 2009, p.19). Muitas pessoas podem, por exemplo, dizer que os surdos possuem uma capacidade de atenção visual e de descrever ambientes e figuras de modo muito mais detalhado que os ouvintes, dizer que eles não olham para as mãos, para o olho do colega enquanto este sinaliza, dizer que são bons em jogos tipo quebra-cabeça, que possuem uma visão “concreta” sobre as coisas, isto é, mais objetiva; ou que são bons desenhistas.

Estereótipos, crenças, saberes e valores são construções sociais que fazem parte de um senso comum. De fato, existem estudos tais como os de KLIMA; BELLUGI (1989 *apud* SACKS, 2005) que comprovam que os surdos dão maiores detalhes visuais de ambientes físicos, objetos ou outras formas geométricas. Afinal, com o tempo, uma pessoa que aprende uma língua de sinais, não fica olhando para as mãos que lhe sinalizam, mas, sim, realmente, para o rosto da pessoa, para o rosto, conferindo apenas minúcias de alguns sinais. No entanto, muitas características atribuídas ao grupo ou a determinada pessoa podem ser fruto de uma generalização. Por exemplo, a expressão; “surdo sofre”, muitas vezes “vista” em campo, mesmo que possa ser, de certa forma, considerada um fato, faz parte de uma generalização que contribui simbolicamente para uma identificação de grupo, para uma imagem, isto é, uma concepção que sim, diz de algo, mas que generaliza e reforça um estereótipo.

¹Uma pequena porcentagem de audição.

Para refletir sobre isso, é preciso não somente olhar para a pessoa surda em sua particularidade, mas olhar e refletir sobre os próprios valores e concepções, enraizados na sociedade, que são cotidianamente produzidos e, sobretudo, reforçados. As crescentes necessidades de imediatismo, de credenciais, padrões de comportamento², nos apresentam situações que podem ser encaradas de maneira positiva ou negativa, dependendo das expectativas e valores vigentes.

A atenção a detalhes pode ser valorizada ou mesmo ridicularizada por outrem. Ter contato com uma diferença e realmente olhar para ela pode ser considerado perda de tempo, e de fato, outras tantas necessidades, mais imediatas, exigem atenção e resultados. Neste sentido, perceber a mulher, o homem ou a criança surda em suas particularidades e em sua alteridade pode parecer mero detalhe da vida, mas para aquela pessoa ou para quem está diretamente ligado a ela, isso não é detalhe, é condição de existência como pessoa e essencial para o convívio. Ser surdo é uma das características que pode ter uma pessoa. Esta é de fato uma característica importante e que influencia várias outras e não deve ser vista isoladamente, mas em conjunto com características individuais num dado contexto.

Sou um pouco devagar para sinalizar ao me comunicar em Libras e às vezes preciso que a pessoa repita o sinal, explique o que quer comunicar com outros sinais ou solete no alfabeto manual. Tenho conhecimento na língua, o que não tenho é a fluência e o treinamento. Além disso, tive a sorte de encontrar pessoas pacientes e dispostas a participar da pesquisa.

A influência da subjetividade é algo que deve ser levado em consideração especialmente nas pesquisas qualitativas. Em se tratando do método etnográfico, mais ainda isso deve ser observado e relatado. Sensibilidade e objetividade devem encontrar um equilíbrio no trabalho do pesquisador. Razão e preceitos éticos devem prevalecer, sem, no entanto, que se possa perceber e levar em consideração aquilo a que se pode ser sensível, aquilo que toca o pesquisador, que lhe desperta ou resgata emoções.

Na antropologia isso costuma ser mais aceito e discutido do que nas ciências sociais como um todo ou em outros tipos de pesquisas. Diários de campo e muitas reflexões são suscitados diante as experiências vividas com as pessoas com quem se realiza uma pesquisa. Muitas vezes, a partir da memória, são resgatadas emoções e experiências, que podem produzir novas emoções e novas reflexões. É preciso tornar-se sensível ao significado dos dados sem perder o caráter objetivo da pesquisa científica (STRAUSS; CORBIN, 2008).

² Padrões gerais estabelecidos socialmente, como “boa educação” ou polidez. É possível, por exemplo, que um indivíduo surdo permaneça mais quieto, já que são frustradas algumas formas de comunicação.

O trabalho de campo é de fundamental importância numa pesquisa como essa. O contato direto com os surdos e a aprendizagem da Libras permitiram-me conhecer algumas particularidades e enfrentamentos por que passam essas pessoas; observar a maneira como vivem diversas situações do cotidiano, especialmente a maneira como agem, em conjunto, quando há num mesmo ambiente “surdos” e “ouvintes”.

Entre sinais, palavras ditas, leitura labial, expressões físicas, desenhos e bilhetes, aparecem novas formas de interação, tentativas de se comunicar, de compreender quem não pode ouvir ou quem não sabe (ou sabe pouco) Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Surdos e ouvintes estão no mundo, os primeiros são minoria; a maioria das pessoas ouve, sabemos. A vida em sociedade é construída a partir da experiência de uma maioria de pessoas que ouve e, portanto, é construída em sua maior parte para pessoas que ouvem. Há lugar para os surdos? Há. Onde? Onde puder comunicar-se entre si. Isso satisfaz o paradigma de inclusão? Não.

Ao longo do trabalho, veremos o que as pessoas com surdez passaram em diferentes momentos históricos, chegando às questões atuais e a um panorama local, na cidade de Juiz de Fora, entre 2006 e 2012. O que foi conquistado ao longo do tempo, o que se reivindica atualmente, tendo como pano de fundo questões relativas à diferença e diversidade, é o que veremos pautar discussões que estão ligadas ao campo da educação, dos direitos de minorias, das pessoas com deficiência, que não serão aqui trabalhadas de modo direto, mas que tangencialmente não fogem a nossa discussão.

Compreender os surdos como um grupo, é chave para esta discussão. Exatamente porque existe em âmbito mundial pessoas com surdez que utilizam-se de línguas específicas de modalidade visual gestual, que como afirmam Paddene Humphries (1988) possuem uma identidade comum, uma cultura própria e constituem-se numa comunidade.

A este respeito, destaca-se que existem, na verdade, identidades e comunidades surdas (PERLIN, 2010), no plural, dependendo da experiência de vida, do grau de surdez e de onde mora o indivíduo. No entanto, é de praxe encontrar essas noções em sentido genérico: cultura, comunidade e identidade surda, reafirmando assim, as noções de pertencimento e unidade que definem o grupo.

Para essa discussão foram estudadas produções acadêmicas que traziam esses termos. Grande parte dessa produção faz parte da área de educação e tem autores surdos, que dentre preceitos pedagógicos que apresentam, defendem sua própria causa, expondo razões que os levam a defender ações como o uso da Libras e a presença de intérpretes.

A questão, além de causar estranhamento à maioria das pessoas, inclusive no meio acadêmico e especialmente nas ciências sociais, é difícil de ser trabalhada, pois mesmo sendo bastante atual, é ainda pouco estudada pelos diferentes meios das produções da área de Educação.

O desafio é ainda maior em se tratando de uma etnografia. A pesquisa de campo foi demorada e esparça, alterando momentos de ida a campo, aprendizagem de Libras e convivência informal, pausas relativamente longas, estudos e tentativas de escrita.

Como uma pesquisa que demandou tempo e acontecimentos que secederam-se às vezes numa certa ordem, outras de modo desregrado, houve uma mistura de acertos e erros de pesquisa que fizeram desta uma oportunidade ímpar de aprendizagem.

Os conhecimentos adquiridos nos livros, na internet e no trabalho de campo são aqui compartilhados, como se pudessem relatar algumas histórias de vida, só que em pedaços, isto é, em trechos que se demonstram relevantes e pertinentes à nossa discussão.

Esta pesquisa constitui-se, portanto, num pequeno aporte teórico antropológico sobre a questão dos surdos enquanto grupo; um grupo identitário, sobre a vida em sociedade, sobre questões de minorias e sobre fazer antropologia, ressaltando dilemas do trabalho de campo e da pesquisa teórica.

Na escrita, a escolha de cada palavra demandou tempo, reflexão, após reflexão, muitas e muitas vezes, chegando-se à exaustão em diversas ocasiões, em desistência algumas vezes. Era necessário parar e voltar dias depois. Por outro lado era preciso escrever, acabar o trabalho e entregá-lo. Se não era possível entregá-lo da melhor maneira que poderia ficar, era necessário ao menos entregá-lo.

Os dilemas se sucedem quando converso com outras pessoas, que tentam simplificar a questão ou às vezes, complicá-la. Quando se passa tanto tempo estudando alguma coisa, sentimo-nos no direito de falar sobre elas. Não que sejamos os donos da verdade, mas somos sim, portadores de um saber. Por isso mesmo, precisamos dividi-lo. Rever mais vezes nossos próprios conceitos e auxiliar aos outros a reverem também os seus.

Muitas e muitas vezes senti-me exausta, gastando uma energia enorme para tentar explicar o que não conseguia. Sempre faltava algo, sempre era preciso referenciar, explicar melhor. Sem esses questionamentos, o trabalho não existiria e não se constituiria da maneira como se constitui. Fui do deslumbredo apaixonamento e do quase desespero pela causa, ao “beber da boca do nativo”, como colegas me disseram, ao quase desencanto em alguns momentos, para chegar a quase neutralidade.

O princípio de neutralidade acadêmica quase cai por terra quando se vê algo negligenciado. Se eu fosse indiferente à causa surda, não me teria deixado tocar tanto por ela. Faz-se necessário conhecê-la, compreendê-la. Ser crítico é pressuposto de um trabalho acadêmico. Porém, em algumas áreas do conhecimento, como na Antropologia, faz-se necessário ser sensível, ser curioso em relação a um saber diferente.

Refletir sobre possíveis causas que levam a aparentes radicalismos ou a radicalismos propriamente ditos. O Relativismo Cultural nos ensina que o pensamento humano depende da perspectiva, do contexto onde surge. Portanto, antes de julgarmos, precisamos conhecer deixar-nos quase misturar totalmente e ainda conseguir ser objetivos o bastante para relatar, para fazer uma espécie de ponte, de mediação entre pessoas, grupos, redes, culturas e subculturas diferentes.

Como a mariposa, que bate as asas todo o tempo para manter-se próxima à lâmpada³, porém lutando para não se queimar, somos enquanto estudantes de antropologia, em campo, impelidos a buscar algo novo, algo além do óbvio, a permanecer, a tentar compreender se as coisas são mesmo do jeito como estamos pensando que são.

É necessário ser como uma criança com seus por quês questionadores⁴. Mais do que nos atermos objetivamente às questões aristotélicas: quem, o quê, como, onde, por quê... É preciso observar. Ater-se não só ao que o outro diz, mas ao que o outro faz. Ser bom aluno, não quer dizer ser bom pesquisador⁵. É necessário, ousar, questionar, ultrapassar limites. Não satisfazer-se com determinadas repostas ou condições.

Realizar uma pesquisa etnográfica, isto é, escolher determinadas pessoas e/ou características para observar e refletir sobre determinadas práticas e discursos é um desafio de aprendizagem, de autoconhecimento e humildade⁶. É uma busca por conhecimento e uma possibilidade de divulgação, reflexão e mudança de paradigma.

³ Conforme exemplo da professora Jurema Brites em aula.

⁴ Dizia, em aula, o professor Octavio Bonet.

⁵ Disse-me a professora Fátima Tavares numa reunião de pesquisa da qual fiz parte.

⁶ Conforme assisti falar minha orientadora, professora Rogéria Dutra.

1 A QUESTÃO DOS SURDOS

As línguas de sinais são tidas como formas naturais da expressão, da comunicação da pessoa surda ou com deficiência auditiva. Existe um embate histórico entre os defensores do oralismo e os defensores das línguas de sinais. Fala-se em Oralismo Puro e Comunicação Total, como métodos comunicacionais que respectivamente significam: abolir qualquer “gesto” e aproveitar expressões naturais. Ambas as formas são problematizadas pelas pessoas que se comunicam através das línguas de sinais, que pensam além da questão de inibir ou estimular “gestos” e compreendem as línguas de sinais como forma comunicacional racional e independente de som.

Fato é que os sons fazem parte do processo cognitivo. Entretanto, na ausência total ou parcial da audição, nossos outros sentidos, mais especialmente a visão, são capazes de dar conta de processos cognitivos. Se uma criança nasceu sem escutar ou escutando mal, além de problemas comunicacionais podem ocorrer problemas no seu desenvolvimento, não necessariamente por sua incapacidade de ouvir, mas porque em seu entorno, provavelmente estarão pessoas que ouvem que se comunicam através da fala.

De alguns anos para cá, logo na maternidade é feito o chamado “teste da orelhinha” e a partir daí, se detectada surdez, a criança é logo encaminhada para um otorrinolaringologista, que juntamente com um (a) fonoaudiólogo (a) iniciará acompanhamento com aparelho auditivo e terapia para a fala.

O estudo de música demonstra o quanto abstrata complexa e até calculada, racional, pode ser a influência do som em nossas mentes e cérebros. Os surdos podem sentir as vibrações de um determinado som ou instrumento musical ou poderiam ter noções musicais através de explicações visuais, rítmicas e táteis. Isso, porém, ainda é diferente de ouvir e de se emocionar com um som.

As compreensões diversas das pessoas com surdez que usam línguas de sinais estão fortemente ligadas à espacialidade, ao visual-gestual, que é o plano de abstração, de estruturação básico das línguas de sinais, como só de olhar, podemos inferir. Por isso, eles reivindicam autonomia, acessibilidade e mais do que inclusão, uma educação bilíngue.

Para problematizar um pouco mais a discussão contida nesta pesquisa, é preciso ter contato com aspectos históricos, ou melhor, com aspectos da história contada pelos surdos sobre si mesmos, sua “história canônica” (SILVA, 2012), através da qual, nota-se tom militante, ativismo em torno das línguas de sinais e da superação de preconceitos.

De acordo com a literatura acadêmica e não acadêmica, pesquisada não somente a título de curiosidade, mas para favorecer a compreensão, devemos conhecer um pouco sobre as decisões e acontecimentos históricos que até hoje marcaram a vida de muitos surdos e de pessoas com eles envolvidas.

Sendo assim, temos a seguinte passagem de Sócrates, no Crátilo, de Platão, que traz uma reflexão interessante:

Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejassemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo?”(PLATÃO *apud* SACKS, 2005, p. 29).

Parece-nos naturalizada, há muito, a ideia de que uma comunicação corporal, uma comunicação através de gestos poderia fazer às vezes da fala, na ausência desta. É comum, quando nos encontramos impedidos de falar, por qualquer motivo que seja, que façamos o uso de gestos, de mímica e isso nos pareça brincadeira. Brincadeira, com efeito, completariamos, embora confusões de sentido possam ocorrer mais facilmente dessa forma, se comparada à forma falada, sistematizada.

Sabemos que os filósofos estiveram sempre interessados nas línguas, como expressão e parte do pensamento humano, como o que diferencia os seres humanos dos animais e o que pode permitir um discurso lógico. Platão, Aristóteles, Leibniz, Rousseau, Wittgenstein, Derrida (SACKS, 2005) e tantos outros refletiram sobre homem e a linguagem, chegando a pensar sobre uma língua universal.

Ora, divergências entre os povos poderiam ser esclarecidas e homogeneizadas, quem sabe, através de uma única língua. Mas como uma Torre de Babel, os homens fizeram-se diferentes uns dos outros e o que era inicialmente um castigo, transformou-se em direito a ser respeitado, negociado na esfera pública, na interação entre as pessoas.

Com relação direta às pessoas com surdez e sua forma comunicativa, um abade francês chamado Del'Epeé afirmou:

A língua universal que vossos eruditos buscam em vão e da qual perderam a esperança está aqui; está bem diante de vossos olhos, é a mímica dos surdos pobres. Porque não a conheceis, vós a desprezais, e contudo, somente ela vos dará a chave para todas as línguas (DEL'EPEÉ *apud* SACKS, 2005, p. 30).

Até então, esse tipo de interação e comunicação, utilizado pelas pessoas com surdez, era renegado. Quando não se sacrificavam crianças “defeituosas”. A surdez era notada, mas a pessoa ficava à míngua ou praticamente à míngua. Nobres, pais de crianças com surdez

conseguiam professores particulares, que os ensinavam a falar, gesticular não podiam. A fala era considerada “uma dádiva de Deus” e o exercício de Direitos, como posse de terras por herança, requeria a aprendizagem da fala e da escrita. Aos surdos pobres, restava estar ainda mais à margem; considerados incapazes eram escondidos e praticamente escravizados em trabalhos forçados.

O abade De l’Epeé, então, adaptou a linguagem de sinais de surdos pobres de Paris, através de seu sistema de sinais “metódicos”, combinando essa linguagem com a gramática do Francês, o que, com a ajuda de um intérprete (uma pessoa que ouvia, mas também sabia esses sinais) permitiu que esses surdos fossem alfabetizados. De l’Epeé iniciou uma revolução no assunto (SACKS, 2005), já que começava a sistematizar uma língua visual-gestual; fundou uma escola em 1755 e influenciou a criação de outras do mesmo tipo, que se espalharam inicialmente pela França e pela Europa.

Dentre os pensadores e educadores mais famosos que tiveram um trabalho prático com as pessoas com surdez, estão Pedro Ponce de León e Juan Pablo Bonet. O primeiro ensinava a surdos filhos de nobres e chegou a fundar uma escola. Uma das grandes preocupações era com relação a direitos e heranças, já que os surdos não eram reconhecidos como cidadãos, a não ser que falassem.

Instaurou-se a partir daí, uma discussão se a forma de comunicação dos surdos deveria ser depurada dos gestos espontâneos ou se o melhor era estimular a expressão oral. É importante ressaltar que chegaram acontecer experiências de amarrar as mãos para impedir a comunicação gestual e cirurgias para correção da surdez, que na época teriam chegado a ocasionar mortes.

A questão da oralidade neste sentido estava ligada a um preceito social de que a única maneira de expressão legítima do ser humano era a fala. Como as pessoas com surdez viviam renegadas, não se acreditava que pudessem pensar, encadear ideias lógicas. Diante disso, Bonet investiu num método oralista, que utilizava o alfabeto manual, mas proibia outros gestos e sinais.

Antes de De l’Epeé, outros primeiros estudiosos foram o médico inglês John Bulwer, que acreditava e defendia o uso de gestos, o educador John Wallis que dedicou-se mais ao ensino da escrita e o educador Konrah Aman, forte defensor da leitura labial, já que para ele a fala era “uma dádiva de Deus”.

As primeiras publicações realizadas pelos próprios surdos surgem na França setecentista de Del'Epeé. *Observations* (1776), de Pierre Desloges, primeiro livro publicado por um surdo trazia o seguinte depoimento:

No início de minha **enfermidade**, e enquanto vivi separado de outras pessoas surdas [...] não tive conhecimento da língua de sinais. Eu usava apenas sinais esporádicos, isolados e não relacionados. Desconhecia a arte de combiná-los para formar imagens distintas com as quais podemos representar várias ideias, transmiti-las a nossos iguais e conversar em discurso lógico (SACKS, 2005, p.31).

Conta-se que as pessoas com surdez, através do convívio com seus pares e do método de Del' Epeé, começaram a conquistar posições de responsabilidade e prestígio; começavam a formar-se escritores, engenheiros e intelectuais. Laurent Clerc, um desses surdos, vindo da França, juntamente com o americano Thomas Galaudet em 1817, funda nos Estados Unidos o *American Asylum for the Deaf*, em Hartford.

Conta-se ainda que Gallaudet, certo dia, ao observar algumas crianças brincando num jardim, notou que havia uma criança fora da brincadeira. Soube ele que seu nome era Alice Cogswell e que ela era surda. O homem tentou comunicar-se com ela de modo satisfatório e resolveu buscar ajuda na Inglaterra e na França, onde conheceu Clerc. “Nos 52 dias de viagem para os Estados Unidos, Clerc ensinou Gallaudet a língua de sinais, e Gallaudet ensinou-lhe Inglês”. (SACKS, 2005, p. 35)

No Asilo Hartford, como ficou conhecida a escola, a metodologia importada por Clerc e as linguagens utilizadas por surdos dali, deram origem à *American Sign Language* (ASL). Contribuíram especialmente para a formação dessa nova língua de sinais, os surdos de Martha's Vineyard, descritos na obra *Everyone here spoke Sign Language: hereditary deafness on Martha's Vineyard*, de Nora Ellen Groce, que costumavam ser enviados para o Asilo. Esse intercâmbio cultural permitiu buscar e aperfeiçoar expressões de diferentes dialetos, de diferentes aldeias da ilha e formar a língua de sinais nacional nos Estados Unidos.

Na ilha Martha's Vineyard, em Massachusetts, a endogamia provocou a mutação de um gene recessivo que afetou sucessivas gerações por cerca de 250 anos, desde a chegada dos primeiros “colonizadores surdos” por volta de 1690. Em meados do século XIX, uma a cada quatro pessoas era surda em alguns povoados, o que fez com que toda a população se comunicasse em sinais e que esses indivíduos com surdez não fossem vistos necessariamente como surdos, nem como deficientes. (SACKS, 2005, p. 45).

Em 1869 havia de cerca de 550 professores de surdos espalhados pelo mundo e cerca de 41% deles nos Estados Unidos. Em 1864 a aprovação de uma lei autorizava a *Columbia Institution for the Deaf and Blind* em Washington, a transformar-se na primeira instituição de ensino superior especial para surdos. A faculdade depois rebatizada de *Gallaudet College* e posteriormente tornou-se *Gallaudet University*; até hoje a única faculdade de ciências humanas para surdos.

No Brasil, em 26 de Setembro de 1857, foi fundado pelo francês Eduard Huet e por D. Pedro II, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, no Rio de Janeiro; hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Em virtude disso, nesta data é comemorado no Brasil o dia nacional do surdo, que é um dos fundamentos do movimento *Setembro Azul*, que trabalha na divulgação da causa surda. De acordo com informantes da pesquisa de campo, Azul era a cor do triângulo nazista que marcava o lugar das pessoas com deficiência nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial. Agregado a essa data está o movimento, que conta com manifestações em forma de passeata e cartazes, palestras sobre “cultura surda” e distribuição de fitas simbólicas, de “consciência”, na cor azul.

Voltando ao cenário mundial, por volta de 1870, haviam surgido reformadores nos EUA e em alguns países da Europa que defendiam escolas oralistas, progressistas e queriam acabar com os asilos por eles considerados “obsoletos”. O que estava acontecendo era parte de mudanças mais gerais no ocidente, características do período vitoriano: uma tendência à opressão e a intolerância com minorias religiosas, linguísticas e étnicas; o idioma galês, por exemplo, foi pressionado a submeter-se ao Inglês (SACKS, 2005).

Houve, então, em 1880, em Milão, o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, onde os reformadores, excluindo os próprios professores surdos da votação de um método para referência mundial, segundo palestrantes surdos, instituíram um método exclusivamente oralista. Entre eles, estava Alexander Graham Bell, que além de ter se consagrado como inventor do telefone, era filho de mãe surda e pai educador de surdos (com ênfase oralista), além, também, de ser marido de uma surda. O peso de seu prestígio e de sua influência familiar foram decisivos para institucionalizar o *Oralismo*, ou *Oralismo Puro*, como hoje se conhece.

A educação dos surdos passou, então, a ser exercida por uma maioria de professores ouvintes, mas ao contrário do que possam alguns imaginar, o novo método por ser restrito à oralidade, não obteve sucesso para uma maioria de escolas, que chegaram a situações de grande regressão em se tratando de comunicação, alfabetização e desenvolvimento de

pensamento e proposições lógicas entre os surdos. Foi só nos anos 60 e início dos anos 70 que o assunto passou a ser debatido com um público mais geral, quando um livro intitulado *In this Sign*, influenciou um debate nos Estados Unidos (SACKS, 2005).

Antes disso, no meio acadêmico, já havia sido publicado o trabalho do linguísta William Stokoe, *Sign Language Structure* (1960), juntamente com a *Gallaudet Encyclopedia of Deaf and Deafness* e o apêndice de um dicionário de *American Sign Language* (ASL). Em 1965, *A comunidade linguística*, de Carl Cronenberg, também contribuiu para o conhecimento e para uma nova mudança de paradigma com relação aos surdos. Este último descreveu “o povo surdo” como um grupo cultural [...] [o que] representou uma ruptura com a longa tradição de patologizar os surdos (PADDEN, 1980, p. 90 *apud* SACKS, 2005, p. 155).

Nesta época, porém, nenhum outro linguísta, nem o famoso Chomsky, mencionou o trabalho de Stokoe. Em 1970, Klima e Bellugi quase não encontraram fontes para o estudo da língua de sinais, que havia se tornado algo coloquial, *que não merecia importância*; mesmo entre os surdos a opinião era semelhante. Mais que uma desvalorização, havia uma descrença e uma atitude de ridicularizar a possibilidade de analisar a língua e concebê-la como tal, como Língua.

O Teatro Nacional de Surdos (nos Estados Unidos) que desde 1967, influenciado pelo preconceito linguístico vigente, realizava apresentações com Inglês em sinais⁷. Em 1973 passou a realizar apresentações na verdadeira língua de sinais, o que tornava a encenação muito mais rica do ponto de vista criativo surdo, já que as expressões corporais e faciais ganhavam maior destaque. A partir disso, outros artistas surdos surgiram e faziam poesia em sinais, chistes, músicas em sinais, dançavam, contavam estórias que divulgavam sua história e mostravam o lúdico de sua cultura.

Em 9 de Março de 1988, após a indicação de Elisabeth Ann Zinser para reitora, os estudantes da Gallaudet entraram em greve e realizaram um protesto exigindo uma série de medidas. Entre elas, a nomeação de um reitor surdo e a renúncia imediata da presidente do corpo diretivo Jane Basset Spilman, maior presença de surdos nas tomadas de decisões e que não houvesse represálias. As manifestações no campus chegaram a dominar a mídia por cerca de 48 horas (SACKS, 2005).

De acordo com o livro *Vendo Vozes*, do médico neurologista, escritor e também conhecedor da Cultura Surda, Oliver Sacks, que conversou com seu amigo e professor da Gallaudet, Bob Johnson, que esteve no campus, “o clima estava mais para Woodstock do que

⁷ É diferente da língua de sinais, pois sinalizar palavras não é o mesmo que se expressar numa língua de sinais, que tem estrutura própria, visual gestual.

para uma feroz revolução (...) havia um senso de júbilo, um quê de festividade” (SACKS,2005. p. 146). Os professores, funcionários e todo o mundo, através da imprensa, estavam ao mesmo tempo perplexos e admirados, pois a manifestação que durou seis dias fazia desaparecer aquela “ilusão de impotência”⁸ a que estavam acostumados a associar aos surdos. No dia 14 de Março, King Jordan foi eleito o primeiro reitor surdo da Gallaudet (SACKS, 2005)

1.1 UMA PRIMEIRA PESQUISA ANTROPOLÓGICA SOBRE OS SURDOS: O ANTROPÓLOGO DE GABINETE E. B. TYLOR PARECE TER IDO A CAMPO

Sir Edward Burnet Tylor, no livro *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization* (1870), mais especificamente em capítulo intitulado *The Gesture-Language* (Tylor [1870], 2009) demonstra certo conhecimento numa língua de sinais, tendo lido obras escritas por surdos e mantido contato com um professor/instrutor surdo de sinais. Ou seja, o antropólogo evolucionista “de gabinete”, considerado um dos fundadores da antropologia britânica e autor do primeiro conceito antropológico para cultura, parece ter ido a campo. O texto foi escrito em 1870, uma década antes ao “Congresso de Milão” que mudou a perspectiva educacional para surdos, instituindo um método chamado “Oralismo Puro”, que inibia expressões gestuais.

Tylor organiza uma descrição detalhada da “linguagem”, mencionando particularidades sobre a ordem que os sinais são organizados para se comunicar uma idéia, coisas que nem os linguistas da época levaram em consideração, já que não consideravam as linguagens de sinais em seus estudos (SACKS, 2005).

Através da riqueza explicativa de Tylor, é possível observar que a ideia evolucionista de “universais” pôde ser reforçada no texto, com a idéia de que a “linguagem gestual” era capaz de expressar coisas comuns, universais, descrever lugares, situações e sentimentos.

Tylor relatou ainda que “é nas Instituições de “surdos-mudos” que a linguagem gestual poderia ser mais convenientemente estudada” (TYLOR [1870] 2009, p. 03),e que adquiriu conhecimento prático dessa forma, mas ressalta que muitos sinais que são criados por professores nessas instituições, não fazem parte do que seria uma “linguagem de rua”.

O autor reconheceu a “linguagem gestual” como “língua materna” do surdo, como algo que se forma na mente do “surdo-mudo”, a partir do contato com o mundo, independente

⁸ Termo utilizado por Bob Johnson, professor e amigo de Sacks.

de ensinamentos, mas que precisa de “instrução” para “expandir seu conhecimento”, seu “poder de racionalização” e de “transmissão de ideias”.

Uma das reflexões mais interessantes do texto é a seguinte:

Quando anoto em palavras as descrições dos sinais de surdos-mudos, elas me parecem incompletas e fracas. Mas devemos lembrar que só posso anotar seus esqueletos. Vê-las é algo bastante diferente, pois esses ossos secos devem ser recobertos de carne. Não apenas o rosto, mas todo o corpo se une para fazer com que o sinal tenha expressão (TYLOR [1870] 2009, p. 24).

Em seguida, continua, sendo crítico do tradicional modo britânico de conversa:

E tampouco os olhares e gestos sóbrios a que estamos acostumados em nosso dia-a-dia são suficientes para isso. Quem quer que converse com os surdos-mudos na linguagem deles deve se desfazer da máscara rígida que os ingleses usam sobre suas faces como se fosse uma máscara trágica e que nunca altera sua expressão, quer o amor ou o ódio, a alegria ou o pesar estejam por trás dela (TYLOR [1870] 2009, p. 24).

No início do texto, Tylor reforçou que a linguagem gestual e a escrita pictórica deveriam ser levadas em conta como formas importantes de enunciação do pensamento, de “colocá-lo para fora” de “espremer para fora” e ressaltou que por mais grosseiras que fossem essas metáforas elas demonstravam o “processo maravilhoso” que faz um homem ao utilizar seu próprio corpo para enunciar algo que ele perceba em si mesmo ou em outro. Logo no início do texto, argumenta: “o homem surdo-mudo é uma refutação viva da proposição de que o homem não pode pensar sem a fala” (STEINHAL, 1851 *apud* TYLOR [1870] 2009, p.01).

Para Tylor, que embora tenha reconhecido que não existiam comprovações, a “linguagem gestual” poderia ser pensada como uma “etapa” que acabou se perdendo, no processo de constituição de uma linguagem oral e abstrata. Por outro lado, a despeito dessa reflexão evolucionista, o autor considerou a particularidade dos “surdos-mudos” e reconheceu que “embora a linguagem gestual seja propriedade comum de toda a humanidade”, ela é “desenvolvida” e “cultivada” em “grau elevado” por “aqueles que não podem falar”⁹ (TYLOR [1870] 2009, p. 05).

1.2 CULTURA, COMUNIDADE E IDENTIDADE: UM CONTEXTO MILITANTE DE INTERAÇÃO E SOCIABILIDADE

⁹ Embora o autor use essa expressão, ele menciona no texto que os surdos-mudos podem desenvolver a fala e a escrita.

O tema deste trabalho, embora seja raro nas ciências sociais, é de fundamental importância para a compreensão de muitos fenômenos das sociedades complexas, já que para compreender as relações humanas e a vida em sociedade, precisamos compreender como os indivíduos convivem com suas similaridades e diferenças. É possível pensar sobre isso através de diversos temas já consagrados na sociologia e na antropologia, como grupos sociais, cultura, identidade e mais recentemente, pluralismo, movimentos sociais, políticas públicas, etc.

O debate sobre as deficiências não foge a estas características. Existem movimentos de pessoas com deficiência, que reivindicam direitos, reconhecimento de “necessidades especiais” e mais especificamente no caso dos surdos, reconhecimento de identidade, comunidade e cultura específicas.

Categorias como “identidade surda”, “comunidade surda” e “cultura surda” aparecem em diversos textos nativos ou de profissionais de outras áreas¹⁰, mas de forma naturalizada, mesmo em textos acadêmicos. Boa parte desses trabalhos é realizada pelos próprios surdos e possui forte caráter militante (PADDEN; HUMPHIRES, 2005; SROBELL, 2008; PERLIN, 2010). Eles defendem veementemente as línguas de sinais, denunciando a exclusão dos surdos e a negligência do Estado e da sociedade civil, que segundo eles, ainda não compreendem bem suas necessidades linguísticas e de aprendizagem, que são condições básicas para a vida em sociedade.

Neste contexto, se quisermos compreender a sociabilidade entre essas pessoas, deveremos levar em conta especialmente a idéia de “comunidade surda”, uma “comunidade linguística” (FELIPE, 2005). Comunidade neste caso, não tem a ver necessariamente com a noção de espaço físico ou social, mas pode estar vinculada a isso já que existem espaços onde a comunicação entre indivíduos é favorecida. É possível pensar uma rede de interações que envolvem surdos e outras pessoas que saibam Língua Brasileira de Sinais (Libras), pessoalmente ou via internet.

Difícilmente alguém que não sabe Libras poderia fazer parte de uma rede como essa. A dificuldade interacional devido ao problema da comunicação, bem como os consequentes preconceitos e segregação constituem-se como barreiras que, juntamente com a facilidade da comunicação entre aqueles que sabem a língua de sinais, estimulam o isolamento “espontâneo”.

¹⁰ Em geral, educadores como Teske e Thoma (in: Skliar, 2011). Mas podem ser encontrados textos de linguistas, psicólogos e fonoaudiólogos.

Outra idéia importante refere-se à escolha da palavra “surdo” pelos estudiosos militantes/ ativistas, ao invés da definição “deficiente auditivo”. Na prática, é assim que eles desejam ser chamados¹¹. Embora o termo “deficiente auditivo” corresponda a um modelo médico¹² e o termo “surdo”, a um modelo social, a denominação “pessoa com deficiência” tem sido utilizada no campo de algumas políticas públicas e direitos, como passe-livre, cotas em concursos públicos e no mercado de trabalho.

Observa-se que as categorias nativas remetem a uma reivindicação de reconhecimento, que leva a outras políticas públicas e direitos como o reconhecimento da Libras como língua, o que já ocorreu, e a criação de mais escolas para surdos. Isso indica não somente que há uma “diferença”, mas que existem particularidades que têm sido levadas em consideração na elaboração de novas políticas públicas.

Uma pessoa que nasce com surdez não apreende o mundo da mesma forma que uma pessoa “ouvinte”¹³. Sua educação requer estratégias específicas; a comunicação com outros é mais complicada. Por isso, pensar o cotidiano sem telefone, música ou simplesmente o som das palavras é importante para compreender a experiência da pessoa surda. Na maioria dos casos, não é possível conversar ao telefone, mas é possível enviar mensagens de celular, conversar na internet por escrito ou por câmera. Essa última forma costuma ser preferida, já que permite o uso da língua de sinais.

1.3 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): A PRINCIPAL FORMA DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS BRASILEIROS

Para que ideias possam ser expressas e internalizadas, ou seja, para que a comunicação e o pensamento possam ocorrer de maneira sistematizada a uma pessoa surda, foram criadas as chamadas línguas de sinais; que não são universais existem diversas no mundo. Elas são consideradas língua porque possuem gramática própria, segundo linguistas especializados (KLIMA; BELLUGI [1980] *apud* SACKS, 2005).

A Língua Brasileira de Sinais – Libras – é derivada da Língua Francesa e da Língua Americana de sinais. Por ter sido criada no Brasil, ela também mistura elementos da Língua Portuguesa, mas é diferente desta porque possui outra estrutura linguística, visual-gestual.

¹¹ Isso ficará claro na parte etnográfica.

¹² O termo deficiente auditivo pode englobar pessoas com pequena ou média perda auditiva. Já o termo surdo especifica a surdez profunda, que tem implicações sociais mais complexas e é tema deste trabalho.

¹³ Categoria da “cultura surda” que designa aquele que ouve. Termo oposto a surdo.

Para realizar a mediação entre Libras e o Português ou o contrário, existem os intérpretes de Libras, também chamados de tradutores de sinais. Muitas vezes, é necessário ao interprete sinalizar o conteúdo de um texto escrito a uma pessoa surda. Esse é um direito dos vestibulandos com surdez, por exemplo. Pode ser estranho, mas na verdade isso revela uma questão que já deveria ser esperada: a dificuldade na audição implica na dificuldade na fala, que por sua vez implica na dificuldade da leitura e da escrita.

É muito comum, pessoas surdas, ainda que consigam falar, que não pronunciem direito as palavras ou não concordem corretamente os verbos segundo a gramática do Português; mais comum ainda que não escrevam corretamente, isto é, nos moldes desta. Numa visão estrita, muitos surdos poderiam ser indicados como analfabetos funcionais. No entanto, ainda que efetivamente muitos sejam assim considerados e que isso tenha implicações claras¹⁴, é preciso perceber que este é um problema maior, que envolve não somente a capacidade dessas pessoas, mas o trabalho de professores e fonoaudiólogos qualificados, o apoio e a compreensão dos familiares e amigos, colegas de trabalho, chefes e demais pessoas que convivem com uma ou mais pessoas com surdez.

Essa característica não quer dizer que a pessoa não tenha inteligência ou que tenha problemas mentais, como muitas vezes é confundido. Neste sentido, faz-se importante a aprendizagem combinada da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, para que as pessoas com surdez possam sentir-se mais a vontade, não somente entre seus pares, mas também com as pessoas que escutam e falam com maior facilidade.

Muitas pessoas com surdez, segundo minhas conversas em campo, têm baixa escolaridade, dificilmente alcançam posições socioeconômicas elevadas, correm mais risco de pobreza se comparados aos ouvintes, não tendo a mesma participação no espaço público. Embora negligenciadas, essas questões são problemas sérios que requerem estudos e práticas efetivas. O sistema de cotas para o mercado de trabalho é um passo importante, mas não uma solução para uma questão que é maior.

1.4 COMUNICAÇÃO E AFIRMAÇÃO DA DIFERENÇA

As interações face a face são parte importante das relações sociais. Existe nelas um importante conteúdo simbólico a ser observado. Ambiente, palavras, tom de voz e

¹⁴Dificuldade na compreensão de textos, na fala e na escrita acarretam preconceito linguístico, incerteza alheia quanto a capacidade cognitiva da pessoa com surdez e dificuldade no de acesso a informação (escrita e falada), a determinadas escolas, ao ensino superior, ao mercado de trabalho, especialmente em funções que requerem atendimento ao público e escrita.

gestualidade são conhecidamente características que oferecem pistas sobre hábitos e pensamentos.

Nem tudo é objetivo ou declarado. Por isso, intenções e preconceitos são muitas vezes camuflados na fala ou na atitude objetiva. Por outro lado, a observação atenta, esclarecida e minuciosa é capaz de perceber detalhes subjetivos não declarados. Entretanto, nem sempre tais impressões correspondem ao que se pode imaginar. A experiência humana é demasiado complexa e nem sempre é possível conhecer todos os fundamentos que originam as palavras, o “jeito” ou as atitudes das pessoas ou grupos e disso podem resultar discriminações preconceituosas e conclusões precipitadas.

Vejamos o caso dos surdos. De um modo geral, embora existam variações, muitos surdos, quando falam não articulam bem as palavras, nem constroem frases totalmente coerentes do ponto de vista gramatical. Se na comunicação fazem uso de língua de sinais, podem não ser compreendidos pela maioria das pessoas e precisam utilizar mímica, leitura labial, etc.. Isso muitas vezes causa incômodo, risco de erro no entendimento da mensagem e conseqüentemente desconfiança, que por sua vez, gera preconceito.

“Rótulos” são criados para classificar, hierarquizar as pessoas e os grupos sociais. De “mudinho” a “retardado”, passando por surdo-mudo e deficiente auditivo, muitas pessoas que não escutam, autodenominam-se “surdos”, criando para si uma identidade, uma categoria politicamente correta. Por isso, sua questão pode ser compreendida como uma questão de minoria, que assim como gênero e cor, nem sempre são de ordem numérica, mas derivadas de algum processo de hierarquia e desigualdade.

1.5 “VOCÊ É SURDO OU OUVINTE?”¹⁵

A sociabilidade entre ouvintes e surdos é um tanto mais complexa do que a sociabilidade entre pessoas que ouvem. Entre gestos, palavras, leitura labial e eventuais bilhetes, um nem sempre consegue compreender bem o que o outro quer dizer. Muitas vezes, aquilo que é entendido é algo completamente diverso daquilo que se quis comunicar.

Para refletir sobre isso, contaremos com o apoio das reflexões acerca do processo de estigmatização, das interações sociais, dos padrões desviantes e das pesquisas atuais envolvendo diferença e diversidade. É preciso problematizar as ideias de “cultura surda”, “identidade surda” e “comunidade surda”, não necessariamente celebrando essa diversidade,

¹⁵ Pergunta comum quando surdos conhecem “ouvintes”.

mas investigando seus fundamentos e os mecanismos que operam na vida diária, nas interações face a face.

Esse tipo de pesquisa começou a ser realizado numa segunda onda de estudos, da Escola de Chicago, que destacou-se no cenário sociológico à partir de pesquisas sobre urbanização, imigração e criminalidade, tornando-se referência mundial no campo das Ciências Sociais e das pesquisas qualitativas (BECKER, 1996).

A ideia de desvio chegou a possuir conotação de doença. Suicidas, prostitutas, alcoólatras, pessoas com problemas mentais, homossexuais, miseráveis e criminosos eram vistos como pessoas doentes, “degeneradas”¹⁶. Esses indivíduos passaram a ser alvo de contagem, classificação e controle e a sociedade acabou concebendo o “desvio” dessas pessoas como algo natural, não compreendendo o processo de construção social dessas diferenças (MISKOLCI, 2005).

Sob a influência do Darwinismo, a eugenia, vinculada à idéia de degeneração física, serviu como ferramenta eficaz de classificação da diferença. Assim, imigrantes, negros, índios e pessoas com deficiência eram fortemente estigmatizados e segregados por não corresponderem aos ideais aristocráticos de pureza e perfeição.

A passagem da ideia de desvio para as ideias de divergência, diferença e diversidade tem seu contexto após a Segunda Guerra Mundial. As atrocidades dela decorrentes, sobretudo nos campos de concentração nazistas, bem como a mutilação de soldados e sua reinserção na vida social e no mundo do trabalho, fizeram emergir novos paradigmas para a compreensão das identidades. O feminismo, a luta antimanicomial, os movimentos de afirmação negra e de pessoas com deficiência, assim como tantos outros, num contexto global, contribuíram para este processo.

As reflexões da sociologia sobre desvio poderiam servir para interpretar a idéia de “cultura surda”. Por sentirem-se estigmatizados, os surdos infringem a regra, não querem ter que falar e escrever somente em Português, não querem estar sujeitos ao que os outros dizem que seria melhor para eles. Ao serem apontados como *outsiders* (BECKER, 2008), como pessoas que infringem as regras vigentes e criam as suas próprias, passam a reafirmar essa idéia, através das categorias de “cultura, comunidade e identidade surdas”.

A ideia de “cultura surda” como estratégia de reconhecimento pode ser associada à idéia de “cruzada moral” (BECKER, 2008). Sob esta perspectiva, os movimentos de surdos,

¹⁶ Termo ligado à idéia de Darwinismo Social.

inclusive os “estudos surdos” e as ideias de “identidade, comunidade e cultura surdas” seriam uma forma de “empreendimento moral”.

Becker descreve, os “reformadores cruzados”, questão aqueles que querem criar novas regras por não concordarem com as normas vigentes e suas consequências. Segundo o autor, pode haver um caráter hipócrita nesses empreendimentos já que os “cruzados” costumam ter seus próprios interesses.

Entretanto, argumenta Becker, estes empreendimentos são importantes devido ao seu caráter humanitário; o que faz, muitas vezes, com que esses “empreendimentos morais” sejam vistos como algo missionário¹⁷, por isso, o termo “cruzada”.

O reconhecimento da diferença é o que pretende a “cultura surda” e essa diferença vai além do paradigma da deficiência. Como dito anteriormente, a maneira como as pessoas surdas apreendem o mundo é diferente da maneira como o fazem as “ouvintes”.

Uma curiosidade, que dá título à dissertação, é a primeira pergunta usualmente feita por um surdo a alguém que ele acaba de conhecer e que também se comunica em Libras: “você é surdo ou ouvinte?”. Essa demarcação constitui uma fronteira que sintetiza diferenças e expectativas. Ao perceber um ouvinte fluente em Libras, um surdo usualmente comenta “pensei que era surdo...”.¹⁸

Os surdos constituem um “grupo divergente” (Berger *et al.*, 2007) na sociedade, já que apresentam outras regras, fora do controle social “ouvintista”. No entanto, existem diferenças mesmo entre eles. Conforme argumenta o antropólogo Gilberto Velho sobre grupos divergentes: “é preciso tomar cuidado com a tendência a homogeneizar arbitrariamente comportamentos dentro desses grupos” (VELHO, 1979, p, 22).

A divergência, o preconceito e a segregação confirmam um estigma no grupo. No caso dos surdos, há uma rotulação de incapacidade linguística e até intelectual. Por isso, um surdo que supera as barreiras linguísticas e sociais e ingressa numa faculdade ou tira carteira de motorista, desperta surpresa, curiosidade ou espanto das pessoas, já que espera-se que um indivíduo estigmatizado comporte-se de maneira que seu estigma fique evidente (GOFFMAN, 1979).

Outro aspecto importante é que “o indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus pares conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas”

¹⁷Muitas igrejas, especialmente Batistas, Testemunhas de Jeová e Católica, realizam um *ministério* ou *pastoral* de surdos e funcionam, muitas vezes, como ambientes formadores de intérpretes de Libras.

¹⁸ Presenciei algumas situações assim. Até eu mesma, embora não tenha exatamente fluência já fui perguntada. Poucas pessoas que não são surdas aprendem Libras; a maioria é familiares, pessoas ligadas a esses ministérios e pastorais nessas igrejas, alguns educadores e fonoaudiólogos.

(GOFFMAN, 1979, p.117). Por isso, a diferença entre um deficiente auditivo leve ou moderado e um surdo profundo é, muitas vezes, ressaltada por eles mesmos. Além disso, surdos “oralizados” e não “oralizados” formam outra divisão.

Outro ponto a ser ressaltado é que “concepções elitizadas de um grupo dominante surdo” (TESKE, In: SKLIAR, 2011, p. 141) podem reproduzir uma “visão colonialista”, inferiorizando surdos de classes populares que mesmo sabendo Libras, não são oralizados e não participam de associações dos surdos.

1.6 REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE CULTURA, COMUNIDADE E IDENTIDADE

A questão dos surdos é complexa e tem apresentado demandas cotidianas que a sociedade brasileira não tem sido capaz de responder. Problematizar o que os surdos e demais envolvidos com o tema, como intérpretes de Libras, pais, amigos, agentes religiosos¹⁹ e pesquisadores têm feito a esse respeito, seja isso classificado de “cruzadas morais” ou não, é um objetivo deste trabalho.

Já tendo sido elucidadas as diferenças entre deficiente auditivo e surdo, bem como já tendo sido introduzidas algumas questões históricas relacionadas à educação e a cidadania dessas pessoas, pode-se, neste momento, partir para uma discussão teórica a respeito dos conceitos cultura, comunidade e identidade e a apropriação destes por aqueles que se autodenominam Surdos.

Uma discussão como essa deve partir de uma revisão dos principais autores que teorizaram sobre o conceito de cultura em antropologia. Segundo o antropólogo Roque Laraia o primeiro conceito antropológico de cultura é de Edward Tylor (1871), que procurou demonstrar que a cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. (LARAIA, 2005).

Franz Boas, em 1896, criticando o evolucionismo de Tylor, então chamado de “método comparativo”, desenvolve o “particularismo histórico”, que mais tarde ficou conhecido como o “culturalismo americano”. Este método ressaltava a importância do desenvolvimento único, relativo, de cada cultura.

¹⁹Sobre a mediação de agentes religiosos, Assis Silva (2011) é importante referência.

Alfred Kroeber, por sua vez, já em 1949, através do conceito de *Kultur*, procurou mostrar que superando o orgânico, o homem [através da Cultura] de certa forma libertou-se da natureza (LARAIA, 2005, p. 41). Kroeber enfatizou ainda que o ambiente em que o indivíduo cresce ou algum outro lugar para onde ele vá, pode ou não oferecer as bases culturais para desenvolver certas habilidades. Segundo o autor, um exemplo disso, seriam as grandes invenções, que demonstram o caráter cumulativo da cultura.

Ruth Benedict, em 1934, havia escrito *Padrões de Cultura*. Utilizando-se da mitologia grega como um tropo, para Benedict existiriam, por exemplo, culturas dionisíacas e culturas apolíneas, cujas particularidades estariam ligadas a diversos fatores como região e história e justificariam diversas características.

Em meados do século XX, entre o fim da Segunda Guerra Mundial e os anos 70 ocorreram diversas mudanças de paradigma. O estruturalismo de Lévi-Strauss e posteriormente, a filosofia estruturalista de Derrida, Barthes e Foucault começam a sofrer outras influências, como as de Maio de 68 e deram espaço ao pós-estruturalismo e aos estudos culturais.

Paralelo a isso, Clifford Geertz, em 1973, publica *A Interpretação das Culturas*, trazendo uma abordagem mais complexa sobre a cultura, a comparando a um texto que pode ser lido. Assim, para Geertz, a etnografia deveria ser uma “descrição densa”, uma abordagem descritiva detalhada sobre a vida nativa, que procura incluir o significado que os atores sociais em questão conferem às suas ações.

Kincheloe e McLaren explicam que os Estudos Culturais são “um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes contra disciplinar que funciona dentro das dinâmicas das definições concorrentes da cultura”. Diferentemente dos estudos humanísticos tradicionais, os estudos culturais questionam o ato de igualar a cultura à alta cultura e defendem a noção de que as incontáveis expressões da produção cultural devem ser analisadas em relação a outras dinâmicas culturais e estruturas sociais e históricas. (DENZIN; LINCON, 2010).

Para os autores do Centro para os Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) da Universidade de Birmingham, “toda experiência é vulnerável à inscrição ideológica”, por isso, a pesquisa crítica precisa desdobrar-se numa dimensão multicultural. Assim, às tradicionais análises de classe, somam-se análises de gênero e raça, dentre outras divisões sociais emergentes, como idade, sexualidade e deficiência.

Sob essa perspectiva, autores surdos também refletem sobre o conceito de cultura:(...) uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições. (PADDEN; HUMPHIRES, 1988).

Outra autora surda, Karin Strobbe faz a seguinte complementação: “Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável, ‘ajustando-o’ com as suas percepções visuais (...). Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Por sua vez, o conceito de comunidade, desde o clássico “Comunidade e Sociedade” de Tönnies, como nos lembra Bauman, traz-nos uma noção de aconchego, confiança. Diz ele: “comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa”, e complementa mais a frente: “ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça (BAUMAN, 2001, p.07) sempre haverá alguém para nos dar a mão nos momentos de tristeza.” (Idem, p. 08).

Entretanto, o autor reconhece uma tensão justamente entre essa segurança e as aspirações de liberdade que uma pessoa pode ter, comentando ainda sobre as diferenças entre uma “comunidade dos nossos sonhos” e uma comunidade “realmente existente”.

Novamente para dar voz ao discurso surdo, é importante observar que “(...) uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vive juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.” (PADDEN; HUMPHIRES, 1988)

Strobel também reflete sobre o uso do conceito, reafirmando a necessidade de “(...) entendermos que a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes – membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses comuns em uma determinada localização” (STROBEL, 2008).

Tanto os conceitos de cultura e de comunidade, como o conceito de identidade, devem ser considerados não numa perspectiva estática, mas dinâmica, já que o contexto e a história interferem em suas definições e ressignificações. As experiências das pessoas e os processos de integração e associação entre elas, ou seja, a formação de “grupos” sofre transformações de acordo com o contexto histórico. As “identidades passadas, presentes e emergentes” (MARCUS,1999) articulam-se diante das circunstâncias em que as pessoas decidem agrupar-se e diferenciar-se de outros grupos ou da maioria.

Neste sentido, Woodward (In: SILVA, 2009) traz a ideia de identidade como algo relacional, como uma diferença que é estabelecida por uma “marcação simbólica”, que classifica as pessoas e contribui para os processos de inclusão e exclusão, definindo a forma como as diferenças são vividas nas relações sociais.

Hall (2006) ao refletir sobre “identidade cultural” compreende que a “pós-modernidade” e a modernidade tardia são como cenários em que as concepções e possibilidades de identidade são as mais diversas. O autor associa essa questão aos processos migratórios e à globalização, que favoreceram um hibridismo de culturas, e consequentemente, de identidades. Outro ponto do pensamento de Hall é que as identidades tem um por que, no qual estão em jogo disputas de poder, de espaço, direitos e reconhecimento de formas de vida. Por isso, a discussão deve ser a atrelada a discussões maiores sobre formas de poder, já que como alerta SILVA (2009), “as identidades não são nunca inocentes”.

Sobre os novos movimentos sociais (identitários, de reconhecimento de direitos e de cultura), Cohn (2010) compara os movimentos sociais da década de 80 aos atuais e menciona a fragmentação de alguns desses movimentos e a criação de outros em nível local e global. Cohn faz ainda uma leitura sobre como as agendas e as políticas públicas têm sido influenciadas pelos grupos de interesse. Utilizando a categoria “redes”, a autora traça um paralelo entre mobilizações civis, como as organizações não governamentais os e movimentos propriamente ditos. O enfraquecimento do Estado brasileiro na década de 90, a partir do modelo neoliberal, com privatizações e reformas, juntamente com o avanço da internet, causaram ao mesmo tempo um enfraquecimento dos movimentos sociais mais tradicionais como o sindicalismo, por exemplo, mas favoreceu o aparecimento das ONGs. A categoria “militante”, neste contexto, tem sido substituída pela categoria “ativista”; as ações civis têm podido ser institucionalizadas. Segundo Cohn, novos saberes e práticas têm sido impulsionados por esses movimentos. (COHN, 2010).

Mas a construção das experiências individuais ou de grupo na sociedade passa pelo recorrente estabelecimento de fronteiras. Por isso, a mediação narrativa que permite o acesso aos discursos produzidos pelas diversas comunidades não é nunca completa. As experiências costumam seguir percursos diversos. Os estudos sobre etnicidade de Barth (2000) contribuem para este tipo de noção.

Ao estudar as fronteiras e os processos étnicos entre os Pathan e os Baluchi, Barth destaca que a formação e a manutenção da identidade de cada um desses grupos decorrem de

processos históricos, em permanente construção através dos “vazios estruturantes”, de atravessamentos e rompimentos de fronteiras que compõem as narrativas históricas.

Assim, a concepção de “Ser Surdo” é também chamada surdidade ou surdalidade (COSTA, 2010) e segundo Costa é um tipo de pensamento essencializado, idealizado. Na experiência individual e intersubjetiva, conforme chama a atenção a autora, os significados são negociados no espaço comunicacional e político; o que permite não só a formação dos discursos e narrativas comuns, mas a heterogeneidade do grupo e das experiências vividas e pensadas.

2 O PROCESSO ETNOGRÁFICO

Escrever sobre as interações que observo entre surdos e ouvintes, com quem estive em algum momento, é escrever um pouco sobre minha própria forma de relação com essa diferença. Posso dizer que talvez a audição seja meu sentido mais favorecido, que sou “muito ouvinte” e entendo que ser surdo, da maneira como conheço, não é simplesmente nascer ou adquirir uma perda auditiva, é comunicar-se em sinais, muitas vezes fazer leitura labial, usar aparelho auditivo ou não, escrever e falar diferente, na maioria das vezes, e em algumas ocasiões “ouvir” outra coisa e mudar o rumo da conversa, não por querer fugir do assunto ou por falta de entendimento do tema, mas por surdez mesmo ou por falta da melhor expressão do emissor ouvinte.

Aventuro-me a escrever assim porque conheço parte importante dessa realidade. Não sou membro de uma “comunidade surda”, mas tenho, sim, algum contato, ainda que um pouco distante e desde o início da pesquisa, há quase sete anos, fui tentando aprender o que era ter um olhar treinado.

Antes disso, porém, sou prima de surdo. Fabiano, meu primo, é apenas alguns meses mais novo que eu e não é filho biológico da minha tia, mas quando éramos pequenos, não sabíamos disso. Embora ele seja pardo e o resto da família, branca, eu nunca tinha percebido que não tínhamos um parentesco biológico. Fomos amamentados ao mesmo tempo por minha mãe e até descobrirem que ele tinha deficiência auditiva, ocorreram muitas comparações; “a Paula já faz isso, a Paula já faz aquilo e o Fabiano tá meio parado”.

Quando tinha oito meses, ele teve uma convulsão e minha tia acredita que a surdez possa ter começado aí. Eles viveram um tempo em Belo Horizonte, onde meu primo teve os primeiros acompanhamentos numa escola especial e minha tia aprendeu uns exercícios de fala para praticar com ele.

Mas eles logo voltaram para Juiz de Fora e por volta dos quatro ou cinco anos, já convivíamos de novo. Minha tia passou um tempo nos levando à escola e tinha uma outra mãe, vizinha dela, que também tinha um menino surdo, que ia junto com a gente. Éramos três crianças, dois meninos, surdos e eu, uma menina, ouvinte.

Num primeiro momento, estudávamos em escolas separadas. Minha tia e a outra mãe deixavam os meninos na escola especial, primeiro, e depois é que me levava para a escola onde eu estudava.

Já num segundo momento, entre a primeira e a quarta série, estudamos na mesma escola, mas em salas diferentes. Era uma escola estadual que tinha aquelas classificações de turma A, B, C, D... e tinha uma sala nos fundos que era usada para receber todos os alunos com algum tipo de deficiência, de todas as idades e séries.

Muitos desses “coleguinhas” eram surdos e mais tarde pude rever alguns ou mesmo saber que estudamos naquela mesma escola, naquela mesma época. Lembro-me de quando chegávamos meu primo encontrava os amigos dele e eu costumava ficar “de fora”, mas não me lembro do contrário, de quando eu estava com meus “coleguinhas” e ele também, com certeza, ficava “de fora”.

Pouco me lembro do meu primo lá dentro da escola. Por isso, acredito que posso dizer que havia uma segregação nítida das crianças com deficiência. Nessa escola havia uma sala mais afastada das outras, onde ficavam todas as crianças com deficiência, de todas as idades, conforme já relatado. Nos encontrávamos praticamente só na ida e na volta, que durante um tempo foi junto com aquele menino e aquela outra mãe também.

Nessa época, Fabiano ganhou uma irmã. Lili. Ele a chamava de “neném”, mesmo quando ela já era uma menina pequena. Nessa época, por ter visto minha tia grávida e ver fotos dele bebê, sendo amamentado por minha mãe, mas não ter visto fotos da minha tia grávida, ele ficou achando que era filho de minha mãe.

Passado um tempo, Lili foi estudar nessa escola, mas não conseguia aprender como as outras crianças. Com um diagnóstico de perda auditiva e dislexia, ela passou a frequentar aquela escola especial, onde Fabiano havia feito o Pré-primário. Nesta escola sua adaptação ocorreu rápida e ela ia para lá feliz, cantarolando; de modo bem diferente de quando ia para a outra, de onde não gostava muito. Infelizmente, porém, esse período não durou nem um ou dois anos porque aos nove anos, ela faleceu num atropelamento, deixando saudade e, particularmente à mim, um sentimento difícil de descrever; o que, de alguma forma, foi uma das razões muito subjetivas e não muito bem explicadas para que eu resolvesse escrever sobre o tema da surdez e com isso, outros temas transversais, como processos de inclusão e de reconhecimento, ainda que não com profundidade de pesquisa teórica ou foco em Educação.

Tudo para Lili estava “bem”, ela foi uma criança de ar triste, embora às vezes brincalhona. Naquele momento estava crescendo mais, era início da puberdade e seu semblante estava alegre, seu cabelo tinha um peso e um brilho que chamavam a atenção. A última vez que a vi, foi na véspera do acidente, quando ela brincou comigo imitando um coelhinho e eu, no auge da adolescência, lhe disse que aquilo era bobo, que ela deveria parar.

Minha tia ficou na minha casa e Fabiano foi morar um tempo com o pai, que estava trabalhando longe, em Roraima, mas logo voltou. Não tínhamos mais aquela convivência da infância, mas sei que ele tinha os amigos dele, também surdos e que chegou a frequentar uma Igreja Batista, onde parecia se sentir acolhido.

Mesmo sem ter concluído o Ensino Fundamental, Fabiano começou a trabalhar, com dezessete, dezoito anos. Enquanto isso, aos dezenove eu estava no curso de Ciências Sociais. Meu primo já passou por vários empregos e teve que fazer nova carteira de trabalho, por ter todos os espaços da primeira preenchidos. A maior parte dos empregos foi em fábricas, como operário, mas também já carregou peso numa fábrica de colchões ou repondo estoque em supermercado.

2.1 JÁ NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Foi na disciplina Antropologia II, que a professora pediu uma etnografia em dupla e eu convenci uma amiga a fazer sobre os surdos. A ideia surgiu uns dias depois do pedido da professora quando eu estava numa festa em que meu primo também estava. Era uma reunião grande de família e notei que ele estava mais isolado do que de costume. Ironicamente, havia um grupo de cinco pessoas da nossa idade, coisa que não havia nas reuniões comuns, que eram menores. Havia também algumas crianças brincando e uma menina em especial pareceu ter chamado a minha atenção e a dele; estava com um semblante distante, assim como eu também deveria estar.

Comentei esta intenção com alguns amigos próximos e professores, a quem perguntei se seria possível fazer pesquisa etnográfica com surdos. Alguns dias depois, minha mãe, com quem também tinha comentado, veio me contar sobre um cartaz que tinha visto, sobre um seminário sobre surdez que teria na cidade. Chamei, então, meu primo para uma conversa e tentei lhe explicar o que era a Antropologia e que eu queria fazer um trabalho sobre surdos.

Ante as minhas explicações a respeito do que pretendia fazer, ele lançava perguntas sobre celular e televisão, demonstrando que nossa comunicação não estava se estabelecendo plenamente. Mas mesmo assim, entre uma frase confusa e outra, fosse minha ou fosse dele, de algum modo, ele pareceu compreender um pouco do que eu queria e mostrou-se receptivo com a idéia. Combinamos, então, de ir ao *Primeiro Seminário Sobre Cultura, Comunidade e Identidade Surda*, que o ocorreu no anfiteatro de uma faculdade particular da cidade. Alguns palestrantes e organizadores estavam arrumados como se estivessem numa festa. Lembro-me

especialmente de um homem de terno muito alinhado e de uma mulher de vestido escuro, longo e brilhante, que faziam parte da Associação dos Surdos de Juiz de Fora (ASJF), organizadora do evento. Logo que cheguei estava sendo proferida uma palestra em Libras, com interpretação para o Português, algo totalmente novo para mim e que poucas pessoas já tiveram a oportunidade de presenciar.

O palestrante possuía uma elegância peculiar ao fazer os sinais e eu sentia naquele momento uma sensação de descoberta, maravilhamento e confusão. Nos momentos de fala e tradução para sinais, pude observar que os surdos, inclusive meu primo, estavam reunidos na parte da frente das fileiras à esquerda e lembro que me questionei se eles estavam entendendo tudo aquilo.

Naquela mesma ocasião assisti a uma apresentação do Hino Nacional, em Libras e no dia seguinte, acompanhei um grupo de discussão não me lembro exatamente de que, mas novamente, achei sensacional o coordenador do grupo ser surdo, “falar” tudo em Libras e uma intérprete traduzir o que ele sinalizava. Lembro-me que no momento das perguntas levantei a mão, mas quando comecei a falar estranhei o rapaz se virar para o outro lado: ele foi olhar na direção da intérprete, que traduzia para ele, o que eu falava; mas até eu compreender isso fiquei desconfortável, sentindo-me ignorada.

Decidi, dias depois, procurar um curso de Libras. Soube que havia dois na cidade e dei preferência para aquele que, segundo o meu entendimento, era “o da associação”, que era desse pessoal que tinha organizado o seminário. Logo no primeiro dia, vi aquele primeiro palestrante e a intérprete que usava um vestido longo e brilhante na palestra do seminário. Entendi algum tempo depois que eles eram os donos do curso ou pelo menos dono e “braço direito”. Houve uma apresentação inicial, em Libras com tradução para o Português sobre “Libras” e “Cultura Surda” e, em seguida, nos foi apresentado nosso instrutor, que embora não tivesse muita experiência, demonstrou-se dinâmico, conquistando a turma toda com seu jeito brincalhão.

Neste primeiro dia, o Rodrigo (presidente da associação) e a Francislaine (intérprete) falaram que o aprendizado de Libras implicava em certo treinamento de habilidades corporais como a capacidade de “amolecer as mãos”, de deixar os braços “leves como uma pluma” e que, além disso, dever-se-ia aprender a “desligar a voz” e usar outra parte do cérebro, ter atenção e memória visual. “Você vai ter que nascer de novo para usar essa nova língua e aprender a olhar a alma da pessoa”; ou seja, treinar a capacidade de, ao se comunicar, fixar-se no olhar do emissor e em sua boca, que expressa significados mesmo quando não emite sons.

“Isso não quer dizer que você está paquerando”, sinalizou Rodrigo, ao que sua intérprete complementou “é como viajar para outro país; os surdos são bem diferentes”.

Ele sinalizou, dentre outras coisas importantes, sobre as barreiras enfrentadas pelos surdos, ressaltando a importância do processo comunicativo para o acesso à informação e à formação (profissional), montando no quadro um esquema em que explicava também sobre a influência de instituições como família, escola, mercado de trabalho e potencialidades que podem ou não serem desenvolvidas de acordo com o estímulo sociopsicológico e com os acessos a bens e serviços que uma pessoa pode ter.

Rodrigo e Francislaine, disseram ainda que há muitos surdos na cidade que não participam da associação, que permanecem isolados tanto do convívio com outros surdos, como também da vida social como um todo. Segundo eles, algumas pessoas participavam eventualmente, mas não eram sócias; outras eram sócias, mas não participavam sempre das atividades.

Já na segunda aula, fui falar com o pessoal sobre minha intenção de pesquisa. Estavam lá Rodrigo e Arnaldo, presidente e vice-presidente da associação, e eu tive a ajuda da Francislaine, intérprete. Esforcei-me para sinalizar, o que me causou grande embaraço. Um deles pareceu me chamar de “cara de pau”, mas hoje acredito que ele tenha querido dizer que eles estavam me incentivando a “ser cara de pau” para abordar os surdos, já que perguntei onde eles iam, onde eu poderia encontrá-los e como poderia me aproximar deles.

No dia seguinte, um domingo à noite, fui a um *shopping* que, segundo Rodrigo, Arnaldo e Francislaine, era ponto de encontro deles. Conversei, com dificuldade, a maior parte do tempo com uma moça que não me era estranha, pois havia estudado na mesma escola que meu primo e eu, mas não se lembrava de mim. Ela me apresentou para algumas pessoas com quem poucos sinais troquei, pois nesta interação fiquei na maior parte do tempo “soletrando” o nome da pessoa e o meu e sinalizando “bom conhecer”. O que me chamou mais atenção foi que essa moça não conhecia nem a palavra “pesquisa” nem o sinal de pesquisa, que é o mesmo de “exame”.

Estava acompanhada de minha amiga e colega de pesquisa Suelen, que não sabia Libras e não tinha o mesmo interesse pelo tema. Ela conversou com um homem um pouco mais velho que, mesmo surdo, falava bem claramente. Ele nos apresentou sua irmã, também surda, que não falava nada, usava só sinais e não compreendia leitura labial. Mesmo falando mais claramente, ele estranhou o nome *Suelen* e disse que nunca tinha “visto” esse nome.

Passado esse trabalho de Antropologia II, voltei a campo, decidida adotar o tema para uma pesquisa maior. Dei seguimento às aulas do curso de Libras, que eram no sábado à tarde. A turma tinha cerca de 10 alunos e a maioria permaneceu até o fim do curso. Foram muitas tardes ensolaradas e divertidas dentro de uma pequena sala de um sobrado pequeno numa região próxima ao centro da cidade. Existia um clima de união, vontade aprender e uma jocosidade que animava a turma, favorecia a aprendizagem. Havia foco. Existiam conversas paralelas, mas o assunto era quase sempre a aula.

Um dia, andamos por um *shopping* próximo como se fôssemos todos surdos. Entramos numa loja de perfumes, simulando querer comprar um presente, exercitando a nossa expressão em Libras; nossa “cara de pau” em brincar e observar a reação das pessoas. Não me lembro de detalhes, mas foi engraçado e sem grandes transtornos. A vendedora entrou na brincadeira, mesmo sem compreender muito a situação ou o que era sinalizado.

Aquela foi uma das primeiras turmas de nosso instrutor, que na época estava começando a faculdade de Pedagogia. Ele, às vezes, dizia que éramos seus “filhos”, embora tivéssemos a grande maioria, incluindo ele, nossos 20 e poucos anos. “Desculpa voando”, “punhadinho invertido na testa”, “liberta-dores”, “boca de lua” foram expressões engraçadas e curiosas que ficaram registradas como marca daquela época e daquela turma.

Lá pela metade do curso, fiquei sabendo que o local onde essas aulas de Libras ocorriam, era na verdade uma empresa chamada *Libras Eventos*, que fornecia cursos e interpretação de Libras, e que a Associação dos Surdos de Juiz de Fora (ASJF) por não ter uma sede própria funcionava também neste local. Naquele momento, eu sabia da existência do Centro de Educação e Cultura para o Ensino Libras (CECEL), mas ainda não conhecia o trabalho lá. Havia essa divisão, esses dois polos, quero dizer, esses dois locais relacionados ao tema na cidade e eles se uniam em alguns momentos, como, por exemplo, numa oficina de interpretação de Libras, quando trouxeram um intérprete de fora.

Essa oficina teve uma particularidade, já que este intérprete era também ator e pastor de uma Igreja Evangélica, famoso por seu trabalho na área. Posso dizer, que foi muito divertida a parte prática, com exercícios de interpretação que envolviam jogos de teatro, que estimularam bastante a expressão corporal, a expressão facial e a comunicação sem voz. Sobre a parte teórica, ele demonstrou ter grande conhecimento sobre os surdos, chegando a distribuir uma apostila. Uma das frases mais interessantes dita por ele foi essa: “O surdo não tem crise com a surdez, quem inventa isso é o ouvinte”.

Nessa época, uma coisa marcante para mim, “ouvinte” e prima de surdo, foi que através do passe livre interestadual, em busca de melhores salários (e aventura), Fabiano, meu primo, fez várias viagens e arranjou empregos em outras cidades, como Vitória (ES) e Marília (SP) e chegou a vender, como muitos surdos fazem, chaveiros e outras miudezas, às vezes acompanhadas de um papelzinho com o alfabeto manual e mensagens piedosas, em praias da Bahia e de Pernambuco.

2.2 QUERENDO CONTINUAR A APRENDER LIBRAS

Em meados de 2008, soube que haveria um curso de Libras gratuito para familiares de surdos no Instituto Bruno Vianna. Fui lá. As aulas aconteciam numa sala comercial alugada próxima à sede do Instituto. Escolhi uma turma de sábado de manhã. Lá, no momento da aula, ficavam o instrutor (Bruno) e uma intérprete (Gisele ou Talita), que além de eventualmente auxiliar aos alunos na comunicação com o professor, resolviam questões burocráticas, como controle de presença e pagamento.

Para mim, funcionou como uma revisão e possibilidade de treinamento na Libras. Os colegas vinham de áreas diversas, acho que mais ninguém daquela turma tinha parentes surdos. Só havia mulheres, se não me falha a memória. A maioria eram estudantes; uma de História, uma de Fisioterapia, uma de Serviço Social (que desistiu, na época) e uma mãe, com sua filha surda que deveria ter uns 8 anos, na época.

As aulas tiveram uma dinâmica um pouco diferente do outro curso que eu tinha feito, onde todos interagiam mais, inclusive com jocosidade. Ali a apostila tinha um conteúdo mais reduzido. As intervenções do instrutor e dos alunos eram mais calmas e repetitivas. Além disso, muitas vezes, a presença da intérprete, fazia os colegas se dirigirem a ela em alguns momentos desnecessários, quando deveriam falar diretamente ao instrutor. Elas mesmas alertaram sobre isso, mas esse vício ainda ocorreu muitas vezes.

O momento mais interessante era quando, no intervalo, íamos todos juntos até uma padaria próxima, onde lanchávamos e conversávamos, mais livremente, com mais inventividade. Era um momento de sociabilidade, desafiador, prático para a aprendizagem.

Esse curso durou apenas seis meses porque não havia número de alunos nem intérprete para o dia e o horário do curso. Chegaram a perguntar se eu poderia exercer essa função, de modo voluntário (acredito), mesmo não tendo certificado. Cheguei a me dispor, mas logo desistiram da continuação.

2.3 UM ESTÁGIO EM UM ÓRGÃO DA PREFEITURA E O PROJETO DE MESTRADO: PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO

Em Junho de 2009, iniciei estágio num órgão da prefeitura que trabalha com atendimento às necessidades de transporte, empregos e benefícios fiscais para pessoas com deficiência, à época, chamado AEPD - Assessoria Especial à Pessoa com Deficiência.

Meu trabalho lá era na parte empregos. As empresas que abriam vagas entravam em contato comigo e eu encaminhava os candidatos. Chamou minha atenção a grande diferença entre a escolaridade exigida pelos cargos, que pediam e a escolaridade que eu via nas fichas das pessoas.

Certo dia, chegou na AEPD, uma moça surda que não sabia Libras. Ela usava a voz como se estivesse falando, inclusive gesticulava como se discutisse “normalmente” um assunto. Na verdade, ela estava de fato fazendo isso, só que não articulava palavras. Ninguém conseguia entender o que ela queria dizer e ela também nem sabia escrever. Então, com paciência, fui falando com mais calma, misturando gestos comuns e sinais de Libras. Perguntando, tentando compreender o que ela queria. Não me lembro agora o que era, nem sei se cheguei a resolver totalmente a situação. Achei a ficha geral dela. Liguei para um número de celular que ali constava, que era de um ex-namorado dela. Disse a ele o mesmo que disse a ela: que ela precisava aprender Libras, voltar a estudar. Foi uma situação muito marcante. Cheguei a procurar a Escola Maria das Dores de Souza para saber se poderiam atendê-la, mas disseram-me que não; por ser adulta. Aquela situação me angustiou demais. Guardei aquele telefone, com a intenção de ligar novamente e quem sabe fazer algo mais por aquela moça. Mas não fiz e me pergunto, em que situação ela vive.

Muitas vagas eram preenchidas por pessoas credenciadas a uma Cooperativa de Pessoas com Deficiência, a COOPDEF. Inclusive alguns funcionários da AEDP. Soube que seus salários eram baixíssimos, muito abaixo do salário mínimo e que a justificativa para isso seria o trabalho ser de meio expediente.

Maria Ângela (*in memorian*) foi minha chefe nessa parte de mercado de trabalho. Ela tinha uma deficiência física que não sei qual era: ela tinha o corpo pequeno, mexia com dificuldade apenas as mãos. Ela graduou-se em Ciências Biológicas, era Mestre em Educação, com uma dissertação sobre inclusão de crianças com deficiência no sistema regular de ensino. Nos últimos tempos tinha estudado Direito e namorava o Fernando, que estava sempre ao

lado dela na rua ou às vezes na hora de ir embora do trabalho. Era bonito ver os dois na rua, cada um na sua cadeira.

Ela tinha carga horária diferenciada, porque precisava de fisioterapia diariamente ou quase diariamente. Na época da gripe suína, teve ordens médicas para não trabalhar. Ausentou-se um pouco, mas sempre que podia fazia questão de ir trabalhar, verificar o serviço. Tinha também uma secretária pessoal, Vanessa, que tinha baixa-visão e um jeito “maluquinho” de ser. Ela penteava-lhe o cabelo na hora de ir embora e às vezes, com os olhos bem próximos aos papéis, me ajudava a procurar alguma ficha.

Nessa parte onde eu trabalhava, eram também recolhidos currículos de pessoas sem deficiência, que eram atendidas por um ou dois funcionários específicos na parte da manhã. Essa parte era chamada “balcão de empregos” e havia um sistema, do qual não faziam parte as fichas das pessoas com deficiência. Esse serviço não era muito conhecido apesar de público, municipal e não sei se ainda existe.

As pessoas pareciam gostar do meu trabalho. Glauce, assistente social, disse que precisávamos de mais alguém contratado para o dia todo e perguntou-me se saísse a vaga, se eu ficaria. Agradei e disse a ela que eu estava pensando em tentar o mestrado e que não poderia conciliar. Hoje imagino talvez devesse ter dito sim.

Eu me senti mal com a possibilidade de ingressar ali, com um salário bom, e algum prestígio, enquanto via Raquel, Átrya e Cristiano, credenciados à COOPDEF, que trabalhavam meio expediente com serviços de portaria e secretaria, ganharem tão pouco. Além disso, não era da minha vontade ingressar num trabalho burocrático.

Essa experiência me trouxe a ideia de ingressar no mestrado com o projeto de pesquisa “Pessoa com Deficiência no Mercado de Trabalho”. Uma metodologia sociológica quantitativa poderia dar maior visibilidade às questões com as quais me deparava naquele estágio e mesmo antes disso. Antes de entrar lá, não tinha conhecimento da Lei de Cotas, nem tinha me atentado para a questão da escolaridade entre as pessoas com deficiência.

2.4 O CONTATO COM SURDOCEGOS NUMA INSTITUIÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL: O INSTITUTO BRUNO VIANNA

Naquele mesmo mês que fiz estágio nesse órgão da prefeitura, a AEPD, procurei o Instituto Bruno Vianna, pois queria ter uma oportunidade de contato com surdocegos. Consegui fazer uma visita ao Instituto durante um atendimento a dois irmãos, uma mulher e

um homem, surdocegos: Helciane e Hércio. Eles vinham com a mãe Elizabeth, todas as segundas-feiras, de Santos Dumont para passar o dia na instituição, receber apoio de LIBRAS Tátil e Braille.

Helciane, salvo engano, tinha 27 anos e Hércio, 24. Helciane, simpática e “falante” em Libras tátil, sinalizou sobre “namorado” nas duas ou três vezes que estive ali e Hércio, atrás de uma barba bonita e de um corpo forte, sorria tímido e sinalizava menos. Helciane, acho que não podia ver quase nada; Hércio ainda conseguia me ver e isso se refletia no foco dos olhos que era mais preciso que o da irmã. A mãe deles também era surda, mas não usava Libras. Ela passava o dia ali com eles e preparava almoço, ali mesmo, na cozinha do Instituto.

Visitei-os nas segundas-feiras pela manhã durante aquele mês e mais um pouco, mas eles faltaram algumas vezes, não entendi bem o porquê. O combinado era eu chegar as sete e sair por volta das onze. Cheguei a ficar sozinha com eles, sem a presença da Gisele. Havia uma câmera que monitorava as atividades. Eu queria ter contato com os surdocegos, conhecer o trabalho com eles, por curiosidade e para fins de pesquisa; não era minha intenção o trabalho voluntário. No entanto, minha presença ali parece ter sido compreendida dessa forma. Criou-se uma obrigação. “Muitas pessoas vem aqui e nunca mais aparecem”, falou Gisele.

Era feito um trabalho com sinais, palavras em Português, escritas e Sistema Braille. Entendo que a ideia era fazê-los compreender o máximo possível dessas formas de comunicação. À tarde, soube que era feita uma atividade com máquina Braille. O Instituto criou uma gráfica Braille em sua sede e deu oportunidade de trabalho à pessoas com surdocegueira. Hércio e Helciane faziam parte disso.

A comunicação com eles levou para mim um tempo maior do que se fosse uma conversa com palavras. Foi mais fácil do que eu pensava, embora eu cometesse alguns enganos de sinal ou às vezes começasse a sinalizar de longe; modo de comunicação inviável ou pouco viável em se tratando de pessoas surdocegas.

Imaginava que fosse ver um grupo de surdocegos e intérpretes, num espaço maior. Havia ali, um caráter intimista, quase residencial. Isso aumentava minha noção de responsabilidade e da dependência deles. No meio na manhã fazíamos um lanche com pão, achocolatado para eles e café para mim e Gisele. Era preciso passar manteiga para eles, colocar o leite no copo... E eu me questionava se eles mesmos não poderiam fazer isso.

2.5 TRABALHO DE CAMPO PARA O MESTRADO

Quase dois anos depois, já na metade do mestrado, a empolgação de voltar a pesquisa, rendeu 8 páginas de diário de campo. Não que tenha sido um campo sistematizado e cheio de informações relevantes, mas por ter sido uma aventura e uma satisfação pessoal retomar aquela pesquisa.

Como aquele primeiro curso acabou, e a empresa *Libras Eventos* havia fechado, saí em busca do CECEL, como uma primeira fonte de pesquisa para esta etapa. Descobri então, que este havia mudado de seu endereço antigo, que correspondia a algumas salas de um curso pré-vestibular. Perguntando, descobri o novo endereço desse curso e então deduzi que o CECEL estaria junto. Chegando ao local, no terceiro andar de um *shopping*, perguntei sobre o CECEL na secretaria desse curso pré-vestibular, mas a secretária não sabia informar. Lembro-me de ter sentado num banco e refletido um pouco e ter anotado sobre aquela busca, ali mesmo. Esse *shopping* era considerado ponto de encontro dos surdos de Juiz de Fora, mesmo antes do CECEL funcionar ali. Além disso, foi onde cheguei a ir, em dupla, para escrever aquela etnografia do segundo período, por isso pensei que poderia mesmo ser um lugar para encontrá-los.

Fui então à Escola Estadual Maria das Dores de Souza, aquela em que meus primos estudaram por um tempo. Sabia que lá estava acontecendo um curso de Libras para professores. Passei por uma conversa com a diretora e a vice-diretora e depois disso, pedi para conversar com Raquel, pedagoga, surda e instrutora de Libras. Naquele dia, ela e o marido, José Arthur, também surdo e instrutor de Libras, estavam dando aulas. Percebi, como já esperava, que os outros professores e funcionários da escola, pelo menos aqueles que a quem pude observar naquele momento, não se comunicavam em Libras com ela, que fazia leitura labial e falava um pouco.

Eu ainda não sabia bem como organizaria o trabalho de campo e fazia um tempo que não me comunicava em Libras, mesmo assim me esforcei para explicar sobre a pesquisa e disse que precisaria encontrar mais surdos, perguntando onde eu conseguiria encontrá-los. Anotando os horários dela e dos outros instrutores, perguntei se poderia voltar ali outro momento e se, quem sabe, poderia entrevistá-la. Ela foi receptiva e eu já ia me esquecendo de perguntar sobre o CECEL; mas aí, me lembrei e ela me disse que naquele dia mesmo ela iria lá, à noite e que aconteceria a posse do novo presidente da associação, o Lucas, que havia sido meu instrutor entre 2006 e 2007. O novo endereço era numa avenida num bairro próximo ao

centro e ela me explicou que o CECEL ficava em cima de uma loja de madeiras, onde eu deveria descer do ônibus.

Satisfeita com a oportunidade, fui para lá no horário que ela me falou, mas a maioria ainda levou quase duas horas para chegar. Enquanto isso, fui conversando, em Libras, comentando por alto sobre a pesquisa e tentando ajudar nos preparativos. As mulheres preparavam sanduíches e separavam copos com guaraná enquanto os homens pareciam apenas conversar. Na hora da solenidade, que aconteceu na sala de aula, estávamos sentados num grande semicírculo e confesso que absorvi muito pouco do que era dito ali na frente, lembro apenas de “regras” que deveriam ser cumpridas, como pagar mensalidade e sobre “todos ali serem amigos, independente de ser namorado ou casado fora dali”. Ao final, pedi para falar um pouco e, nervosa, confundindo-me com os sinais, disse que estava feliz em estar ali e tentei explicar um pouco sobre a pesquisa.

Em seguida, naqueles dias mesmo, entrei em contato com Gisele, intérprete que conheci na segunda vez que fiz o curso de Libras; irmã de Bruno, surdo, que foi meu instrutor. Ela me contou que observava o irmão sempre “num canto” e que em muitas situações, pensava “não é justo, ele não entende nada”. Contou-me, ainda que na escola, ele chegou a levar tapas nas mãos para não fazer sinais. Gisele é ligada a uma igreja, onde há outros intérpretes e surdos e relatou-me ter sido lá o lugar onde ela e Bruno começaram a aprender Libras.

Outra pessoa com quem conversei nessa época foi Deborah, surda, que conhecia de vista e que havia me adicionado numa rede social. Ela tem 24 anos, mora com a mãe e o irmão e já trabalhou numa indústria gráfica e numa malharia; hoje faz um curso de auxiliar administrativo numa faculdade de tecnologia²⁰ e realiza estágio numa empresa de mineração e construção. Perguntada sobre religião, Deborah contou-me que passou a frequentar uma igreja diferente da que costumava frequentar com a família, optando por uma que contava com interpretação em Libras.

Depois disso, passei um bom tempo sem procurar ninguém em específico e dediquei-me mais ao trabalho de observação. Nas duas primeiras sextas-feiras, à noite, que estive no CECEL, conforme me disseram que seria o lugar e o momento para encontrar os surdos, acompanhei uma aula de conversação que tinha umas quatro pessoas e notei que dentre eles, havia dois intérpretes mais antigos, o Samuel e a Gisele, além de um ex-colega de turma de

²⁰ Outras pessoas com deficiência fazem o mesmo curso. Existe um projeto nessa faculdade, que conta com financiamento estatal. É preciso ter Ensino Médio Completo; o que restringe o acesso, já que muitas pessoas com deficiência têm baixa escolaridade. Ver Censo 2010.

Libras que trabalha com eles desde aquela época, Gabriel e uma outra moça que não conhecia, Tamires, que depois vim a saber que era surda e que se preparava para ser instrutora. Embora a aula estivesse relativamente tranquila, eu sabia que as pessoas ali já tinham grande conhecimento na língua e procurei então saber se havia outra turma para iniciantes como eu, caso decidisse fazer esse curso de conversação, que percebi como oportunidade de treinamento na Libras e de presença naquele espaço.

Existia a turma de quinta-feira à noite e então pensei que poderia ser bom fazer essa aula na quinta e continuar indo na sexta, mas para ficar no saguão externo à sala, onde as pessoas se encontravam para conversar ou comer uma pipoca de microondas. Apesar de encontrar algumas dificuldades iniciais em participar dessa turma – estávamos na metade do curso – consegui uma autorização junto ao presidente do CECEL.

Notei que essa era uma turma de “iniciantes na conversação”, todos eram professores e treinavam para uma seleção para “professor articulador”. Logo na primeira aula assistimos a um DVD sobre “cultura brasileira”. O vídeo não tinha som algum, como a maioria desses vídeos feitos para aprendizagem da Libras ou informações para os surdos. O professor pausava, ao final de algumas “falas” e pedia-nos para explicar, em Libras, claro, o que entendíamos. Ao final, foi apresentada uma versão em Libras para a música *Aquarela do Brasil* e tivemos o exercício de sinalizá-la. Se pensarmos sobre o contexto dos surdos, as coisas mais interessantes desse vídeo foram as informações, muitas delas relacionadas à música, com referências a Ary Barroso e Carmem Miranda; o que lhes permitia, compreender aquelas músicas e artistas como parte da cultura popular brasileira e referências do Brasil no exterior, embora não ouvissem e não tivessem aquilo como parte de sua própria “cultura surda”.

Outro exercício bem interessante em sala de aula foi ter assistido ao filme *O Piano*²¹, que faz referência à temática da surdez e ter de fazer um texto para explicar algumas cenas e apresentar essa explicação em Libras, não lá frente, mas em duplas, complementando partes com o colega. Havia cerca de 6 alunos mas apenas 4 estavam mais frequentes, contando comigo. Meus três colegas, que naqueles dias estavam se preparando para uma seleção para trabalhar Libras com crianças em sala de aula, conseguiram passar nessa prova. O domínio deles não era tão grande assim e uma das colegas mais aplicadas demonstrou grande nervosismo pela necessidade e vontade de conseguir aquele trabalho, e a despeito de que

²¹ Drama (1993). Produção/Direção/Roteiro: Jan Chapman.

naquele momento fossem concorrentes entre si, houve ali um coleguismo, perceptível no treinamento em conjunto e no entrosamento do grupo, incluindo o instrutor, Gustavo.

Nas sextas-feiras, durante um mês e meio, pude observar que o CECEL realmente funcionava como um “clube de surdos” (SACKS, 2005), como um “pedaço” (MAGNANI, 2003), um ponto de encontro nas sextas à noite. A maioria chegava por volta de 20h00min e 20h30min horas e ia embora por volta das 22h00min, 22h30min. Sempre cheguei mais cedo, mas nunca fiquei até tão tarde. Às vezes, eu percebia que algum assunto era mais particular porque alguns deles iam para uma salinha mais reservada, onde se guardava não só troféus esportivos, mas também arquivos e assuntos importantes.

Tive dificuldade em iniciar e manter as conversas, não simplesmente devido a minhas limitações quanto ao domínio da Libras, mas também por não fazer parte daquele grupo ou mesmo por timidez. Confesso que naquele momento estava cansada da pesquisa, mas ainda precisava manter a observação. Cheguei a sentir um clima de desconfiança deles e passei a questionar meu próprio trabalho. Afinal, que pesquisa era aquela que tinha começado lá em 2006 e nunca acabava? Que não tinha nenhum papel para marcar “x” e que me fazia ficar ali, sexta-feira à noite, no “pedaço” deles, olhando, olhando... Tentando me enturmar e, pior, sem ter sido, exatamente, convidada.

Além disso, a maioria daqueles jovens eram namorados, noivos ou casados entre eles e eu me sentia realmente “sobrando”; o que também, não parecia ser visto com bons olhos. Esse fato, no entanto, conduz-nos a pensar sobre certa endogamia, que parece existir entre os surdos. Talvez a combinação de característica biológica (surdez) e linguística (Libras), bem como a frequência aos mesmos ambientes, escolaridade equivalente e a idade semelhante favoreça esses encontros.

Outra opção de sociabilidade foi participar de um pequeno culto, certa vez, dentro de uma das salas de aula do CECEL. Estavam reunidos ali 5 ou 6 pessoas, entre surdos e ouvintes (intérpretes), que realizaram leitura com interpretação para Libras, de um trecho da Bíblia. A atividade deve ter durado cerca de 15 minutos e ao final um surdo fez, em Libras, uma prece de encerramento, que foi traduzida por uma intérprete. Lá fora, no saguão principal, outras conversas ocorriam.

2.6 DIFICULDADES E SOLUÇÕES

Apesar da empolgação com a retomada da pesquisa no ano passado, o retorno ao trabalho de campo não foi fácil, como já comentei. Durante mais ou menos dois meses, frequentei o CECEL, às sextas, diretamente para realizar observação participante e as quintas para ter aulas de conversação, o que me permitia além do treinamento em Libras, mais uma forma de contato com as pessoas e o ambiente.

Era necessário compreender não somente um curso de Libras, mas perceber as pessoas que ali estavam e por que estavam. Apesar de alguns já serem conhecidos do período inicial de pesquisa, é preciso levar em consideração que cinco anos decorreram-se nesse processo. Alguns iniciaram cursos profissionalizantes e faculdades outros começaram a namorar, alguns ficaram noivos, outros se casaram, alguns deles agora já tinham filhos.

Devido à complexidade do tema, que embora possa parecer simples ou desinteressante para muitos, pude ter tempo de refletir muito, de utilizar a memória, de perceber as transformações ocorridas. Ainda assim, o trabalho é um recorte e nenhum assunto isolado pode dar conta de tanta complexidade. Para uma pesquisadora inexperiente, a dificuldade de compreensão disso, também levou à demora do desenvolvimento e da finalização do trabalho.

O medo do julgamento é também outro ponto importante. Ser julgada na academia, por um lado, e ser julgada na comunidade surda, por outro. Não quero fazer um trabalho ouvintista (PERLIN, 2010), mas também não posso, academicamente, escrever um manifesto. Estou escrevendo uma etnografia com os surdos e pela singularidade do tema, pelo preconceito enfrentado e ao mesmo tempo pela paixão que afeta as pessoas e inclusive, a mim, corro e informo o risco de realizar um trabalho parcial, um trabalho que advoga.

Por outro lado, admitir essa influência subjetiva é algo que deve fazer parte da pesquisa acadêmica, especialmente em se tratando de pesquisa qualitativa e etnografia. Por isso, relato que ao descrever o que vivi, não permaneço presa a um rigor metodológico canônico, nem sou apaixonada inconsequente, mas faço um misto consciente disso.

2.7 UMA CURTA EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO E COMO ISSO INFLUENCIOU A PESQUISA

No início de 2012 procurei novamente o Instituto Bruno porque soube de um projeto em parceria com a AVAPE, Associação para Valorização de Pessoas com Deficiência, para treinamento e empregabilidade de pessoas com deficiência e isso englobava meu interesse de

pesquisa, ainda que não para o recorte dessa dissertação. Além disso, pensei em retomar o contato com os surdocegos e treinar Libras tátil.

Foi-me dito para comparecer a uma reunião de voluntariado, num sábado de manhã. Helcio e Helsiane não estavam sendo atendidos, segundo a diretora do Instituto, por falta de pessoal, mas estavam bem, em Santos Dumont, estudando, concluindo o Ensino Médio. Foi-me feita a proposta de trabalhar com uma menina de 9 anos, surdocega, Daniela. Eu deveria conversar com ela em Libras para ela ir aprendendo, já que sabia poucos sinais. Imaginei que o mais adequado seria um trabalho com uma pedagoga e/ou com um instrutor de Libras, surdo e questionei sobre isso. Maria do Carmo, a diretora do Instituto respondeu-me que achava que eu poderia ser uma boa pessoa para isso.

Aceitei o convite e passei uma tarde por semana, com Daniela durante um mês. Chegávamos às treze ou quatorze horas e ficávamos até às dezessete. Eu precisava colocar um CD-ROM que era um Dicionário de Libras interativo e ir com ela trabalhando nossas dúvidas à medida que surgiam. Existia um papel com sinais das atividades que ela fazia em casa, como “estender roupa” e aí diferenciávamos os sinais caseiros do sinal oficial. Havia uma parada para lanche, durante a qual ela era estimulada a pegar suas próprias coisas: caneca, biscoito, leite e achocolatado. Maria do Carmo frisou a questão da autonomia e alertou sobre a infantilização, sobre paternalismo/ maternalismo ao me explicar como eu deveria auxiliar na questão da aprendizagem e da autonomia de Daniela.

Após o intervalo ou voltávamos para aquela atividade ou partíamos para uma segunda, como reciclagem de papel, projeto em conjunto com uma intercambista colombiana, que fez estágio na instituição ou íamos aprender Braille, com uma professora cega, Cláudia.

Daniela, à primeira vista e naquele momento da vida, era só uma menina surda “espoleta”, inquieta, inteligente, agitada, com um par de óculos grossos. Às vezes ficava muito atenta, noutros dispersava completamente sua atenção. Quando isso acontecia, pedia para beber água. Soletrando em sinais ou escrevendo as letras que formavam uma palavra correspondente ao sinal, ela se dava bem. Faltava à ela, convivência com outras crianças surdas, pensava.

Uma vez entramos na sala de aula dos meninos com paralisia cerebral: Diego e Wallerson. Numa estante, havia brinquedos e miniaturas de bichos. Fiz um primeiro sinal para ela e ela fez todos os outros, pegando os brinquedos e me mostrando que sabia, com impaciência e ao mesmo tempo sorrindo.

Um dos meninos usava uma luva, para proteger os dedos, que estavam machucados, de tanto ir à boca. Ana, a enfermeira, também voluntária, envolvia as mãos dele na sua e conversava com ele. Eles tinham perda auditiva, mas ouviam um pouquinho. Marta, a professora, certa vez disse que eles gostavam de música colocou para tocar o CD de Adriana Partimpim, projeto lúdico da cantora Adriana Calcanhotto ²².

Numa dessas tardes, foi comemorado o aniversário de Diego. Pediram-me que ajudasse a espalhar as cadeiras, arrumar a mesa com docinhos e a separar letras em E.V.A, para formar um painel “Parabéns Diego”. A família chegou: mãe, pai, avó, madrinha... o pai saiu mais cedo, mas pegou quase toda a festa, que durou pouco. Num dado momento, com todos ali reunidos, presenciei algo marcante: caíam lágrimas dos olhos de Diego, que nesta hora, não estava com a mão na boca.

2.8 UMA VOLTA A CAMPO PARA FINALIZAR A PESQUISA

O espaço do CECEL está atualmente composto por um *hall* de entrada, duas salas grandes emendadas, uma sala de troféus e banheiros masculino e feminino. Percebo que é justamente nessa sala que são feitas as reuniões e tomadas às decisões tanto da associação dos surdos, que não tem sede própria, quanto do CECEL. Segundo as informações que obtive, o aluguel do espaço é dividido entre este e a associação. Duas outras coisas que chamaram minha atenção foram que o lugar que eu frequentava no ano passado havia uma espécie de pequena cantina junto à recepção e neste novo local (ainda) não tem isso. Por outro lado, há

²² Lembro-me especialmente de duas músicas nessas ocasiões:

Por que você é Flamengo/E meu pai Botafogo/O que significa/"Impávido Colosso"?/Por que os ossos doem/Enquanto a gente dorme?/Por que os dentes caem?/Por onde os filhos saem?/Por que os dedos murcham/Quando estou no banho?/Por que as ruas enchem/Quando está chovendo?/Quanto é mil trilhões/Vezes infinito?/Quem é Jesus Cristo?/Onde estão meus primos?/Well, well, well/Gabriel.../Por que o fogo queima?/Por que a lua é branca?/Por que a Terra roda? /Por que deitar agora?/Por que as cobras matam?/Por que o vidro embaça?/Por que você se pinta?/Por que o tempo passa?/Por que que a gente espirra?/Por que as unhas crescem?/Por que o sangue corre?/Por que que a gente morre?/Do qué é feita a nuvem?/Do qué é feita a neve?/Como é que se escreve/Reveillon?/Well, well, well,/Gabriel...

Procurando bem/Todo mundo tem pereba/Marca de bexiga ou vacina/E tem piriri/Tem lombriga, tem ameba/Só a bailarina que não tem/E não tem coceira/Verruga nem frieira/Nem falta de maneira ela não tem/Futucando bem/Todo mundo tem piolho/Ou tem cheiro de creolina/Todo mundo tem/Um irmão meio zarolho/Só a bailarina que não tem/Nem unha encardida/Nem dente com comida/Nem casca de ferida ela não tem/Não livra ninguém/Todo mundo tem remela/Quando acorda as seis da matina/Teve escarlatina/Ou tem febre amarela/Só a bailarina que não tem/Medo de subir, gente/Medo de cair, gente/Medo de vertigem quem não tem?/Confessando bem/Todo mundo faz pecado/Logo assim que a missa termina/Todo mundo tem/Um primeiro namorado/Só a bailarina que não tem/Sujo atrás da orelha/Bigode de groselha/Calcinha um pouco velha ela não tem/O padre também/Pode até ficar vermelho/Se o vento levanta a batina/Reparando bem/Todo mundo tem pentelho/Só a bailarina que não tem/Sala sem mobília/Goteira na vasilha/Problema na família quem não tem?/Procurando bem/Todo mundo tem.

uma pequena estante de plástico com produtos de beleza que são vendidos por uma das sócias.

Neste mesmo dia, consegui algo inédito. O ambiente estava mais cheio. Nas outras sextas em que estive lá, estava sempre o mesmo grupo de instrutores e mais alguns poucos, mas dessa vez havia mais de 20 pessoas surdas ali. Na sala dos troféus estava acontecendo uma reunião da associação, na sala de aula (aquela que tem dois ambientes com quadro e carteiras) parecia estar havendo aula (não me atentei bem aos sinais, mas a disposição de instrutores e alunos indicava que sim), mas a porta estava aberta e apesar de haver grande movimentação e conversa do lado de fora ou mais atrás, onde não havia carteiras, não havia muito barulho, já que as conversas são relativamente silenciosas.

Justamente neste dia, havia levado comigo cerca de vinte cópias de um questionário autoaplicável muito básico, que intitulei “pesquisa simples sobre os surdos” e uma sacola cheia de canetas e lápis que tinha em casa. Já depois do momento em que consegui autorização para aplicar (distribuir) esse questionário e estava filmando o ambiente, percebi que num dos cantos estava um dos intérpretes e fundadores do CECEL, o Samuel, conversando com dois homens, explicando algo. “Essa aí não é surda, não...” disse ele e então eu brinquei, perguntei em Libras o que foi, não entendi, desculpa, e disse que era surda..o que foi logo desmentido tanto por mim quanto pelo Samuel e eu continuei o que estava fazendo, filmando e tirando dúvidas do pessoal sobre o questionário, deixando escapar a informação sobre quem seriam aqueles homens; o que em meio a tantos outros assuntos e questionamentos, continuou passando quase batido para mim, um erro, uma questão que ficou sem resposta.

As questões propostas eram todas abertas; basicamente sobre nome, idade, trabalho/estudo, local de moradia e família. A última questão, que chamei “Espaço livre (história de vida)” englobava perguntas como “Onde você nasceu? Você sempre morou em Juiz de Fora? O que é importante para sua vida? O que você deseja para sua vida?”. A intenção não era realizar uma pesquisa quantitativa, mas tentar mobilizar as pessoas, atraindo sua atenção e ao mesmo tempo tentando dar uma mesma atenção a todos. A seguir, apresento três respostas para essa última questão, nas quais pode-se observar não somente o que os linguistas e pedagogos versados no assunto chamam de “Português Surdo”, mas também alguns aspectos socioantropológicos sobre, por exemplo, juventude e surdez:

Onde eu nasci em Juiz de Fora, há muito tempo eu moro ali em Juiz de Fora. E mais importante para eu tenha muita vontade a busca no meu

profissional as coisas crescendo muito. Realmente o que eu desejo a muito para eu busca a minha vida crescer. Mas eu consigo estudando há muito até o ano que vem vou me formei e seja muita feliz. Vou ser professor, mas eu amo as crianças para eu ajuda as crianças surdas aprendendo a desenvolver. (Rafael, 26 anos. Operador de Caixa e Estudante de Pedagogia, à distância).

Eu nasci no Rio de Janeiro, mas agora eu moro Juiz de Fora em 6 anos. Muito importante minha vida, estuda faculdade, desenvolvimeno conhecimento profissional próprio educação Surdos. mais fácil comunicação surdos. Tenho vontade pratica laboratório, ensina ambiente e natureza. Deus sempre ajuda para mim. Eu quero estudar mestrado só futuro. Eu quero lugar melhor aula por Surdos. Eu senti melhoria oportunidade surdos. (Fernanda, 26 anos. Estudante de Ciências Biológicas)

Nasceu mora aqui em Juiz de Fora sempre em JF sim, Eu já estudar, mas falta esperanda que a vida Futuro fazer faculdade para curso de Artes ou Professora futuro ideia na Boa. Mais e importante Só isso. etc... muito coisas né! (Elsilaine, 25 anos. Estudante de Ensino Médio (?), beneficiária do INSS e mãe).

Numa das últimas vezes em que estive no CECEL, consegui uma entrevista rápida com Lucas após duas tentativas frustradas e pude perguntar ao Rodrigo por que “Jubileu de Porcelana”, expressão que constava no site sobre as comemorações dos 20 anos da ASJFe no convite do baile. Ele me respondeu que é próprio de entidade, que corresponde a 20 anos e que outras associações usavam também; que jubileu é comemoração, que era como se como se fosse um troféu.

Na entrevista, que foi na verdade uma conversa rápida, num ambiente confuso, onde as pessoas trocavam boletos bancários por convites²³ e eu anotava algumas respostas, Lucas, de 29 anos, surdo, pedagogo, que foi meu primeiro instrutor de Libras, nesse dia ainda era presidente da ASJF. Poucos dias depois, ele deixou o cargo para se candidatar a vereador. Sobre isso, ele disse que não poderia falar muitas coisas, ainda, mas contou-me que mora com a mãe e que tem um irmão mais velho por parte de pai. Lucas é namorado de Vivian, também pedagoga. Vivian é ouvinte e intérprete de Libras, língua que aprendeu com Lucas, quando foram colegas de sala na faculdade.

²³ Os convites para o Baile da ASJF só poderiam ser comprados pela internet, o que facilitava a compra para surdos de outras cidades e associações. Foi criado um site específico para o evento e era necessário fazer um cadastro com CPF, para um sistema de pagamento via internet. Foi estabelecido traje “passeio completo” e havia um vídeo explicativo sobre isso. Os ingressos foram vendidos em lotes, com preços diferenciados, ficando mais caros à medida em que o evento se aproximava. O preço inicial era R\$65,00, valor que chegou a R\$ 80,00 nos dias da festa e que poderia ser parcelado a perder de vista no cartão de crédito.

As comemorações do Jubileu envolveram um culto ecumênico com padre e pastor surdos, entrega de homenagens, campeonato de *futsal* e baile. Do que pude acompanhar, destaco as homenagens, um pouquinho do campeonato e o baile. Foram homenageados todos os sócios com pelo menos cinco anos de participação, além de antigos presidentes e amigos.

A solenidade das homenagens aconteceu no anfiteatro de um hospital da região central da cidade, com toda a comunicação acontecendo em Libras e sendo traduzida para o Português por uma equipe de intérpretes que se revezava. Houve também uma interpretação mais próxima para uma moça surda com baixa visão, em que o intérprete se posicionou bem enfrente a ela, que não consegue enxergar o palco mesmo na primeira fila. Algumas pessoas como Rodrigo e Arnaldo receberam mais de uma homenagem, o que fez rir tanto oradores como platéia. Aconteceu também uma apresentação artística feita por um ator, sem tradução com imagens do arquivo da ASJF em montagem de vídeo contando a história da entidade. Nesse ambiente diferente, cheio de conversas silenciosas, só ouvi meu celular (que na verdade deveria estar desligado) no *coffee break* porque o bate-papo era visual.

Apareci em pé anotando uma coisa ou outra e fotografando, muitas vezes indo o máximo à frente possível por uma lateral da platéia. Meu visual surrado contrastava com o luxo de algumas roupas e o rigor da ocasião. Ser visível, ou seja, ter minha presença percebida, ainda que nessas circunstâncias, não era mero acaso, mas também uma contingência do trabalho e um desejo meu de ser percebida, de partilhar daquele momento e recuperar a empatia. Nos anos anteriores, estava sempre sentada, atenta, mas introspectiva e embora minha mente fervilhasse inquietações, isso muito provavelmente não era perceptível aos outros; ou era? Minha sociabilidade, se medida em palavras, ou melhor, em sinais, era mais do que simplória: “Tudo bom?”. Parecia desinteressada²⁴ (SIMMEL, 1995), mas eu estava sempre ali e sempre souberam daquela pesquisa que não aparecia, que mal começara, na perspectiva deles, mas muitas vezes, da minha também.

Esse término do trabalho de campo, somado ao correr dos prazos do mestrado, trouxeram grande ansiedade e especialmente nesses dias comemorativos, insônia, *insights*, um fluxo de criatividade, não necessariamente no sentido produtivo, concreto, mas num sentido reflexivo, de análise e planejamento. Além disso, percebi que entre mim e eles existia um somatório, um “nós”. Através da pesquisa e da ligação familiar que tive e ainda tenho, vi que o tempo e o trabalho (o deles e o meu) tiveram uma continuidade que se pode ver, seja através

²⁴ Por trás dessa “sociabilidade desinteressada”, muito pelo contrário, havia um interesse de pesquisa. A “forma lúdica [e discreta] de sociação” era, naquele momento, mesmo já tendo declarado meu interesse, uma estratégia de compreensão do contexto e mínima interferência no que presenciava.

das fotos de formatura de meus instrutores, seja pela finalização dessa pesquisa ou até mesmo por observar a continuidade da vida.

O baile aconteceu num salão alugado, destinado a esse tipo de eventos, num bairro da região central da cidade. Na chegada, uma surpresa, não havia música e o ambiente formal, típico desse tipo de festa, contrastava com uma pista de dança num ambiente com isolamento acústico, *DJ*, luzes e jovens dançando. A experiência foi inesquecível não só para mim, mas também para o segurança, que dias depois me reconheceu num banco, para os garçons, que junto às bandejas, carregavam pequenas plaquinhas de papel com identificação dos salgados, para o *DJs* que fizeram um som cheio de batidas e capricharam nas luzes, que permitiam ver danças ritmadas, danças com história, como se fossem fotografias, cenas de filme ou teatro, dança estilo robótica, dança gingada, “passinhos” e outras graças. Uma experiência, na verdade, indescritível do ponto de vista emocional, era preciso estar lá para entender aquilo. Em alguns momentos, não conseguia conter meu sorriso de admiração e divertimento, enquanto filmava. Lá fora dessa verdadeira boate com isolamento acústico, dentro do salão de festas, um ambiente formal, sem música e à luz de velas às 03h30min da madrugada, me davam sono.

Um pouco antes de presenciar essas danças, consegui uma entrevista inesperada. Por “sorte”, havia levado caneta e papel. Andrea, mãe de Mirella (surda, 15 anos) e “intérprete 24 horas”, como se definiu, procurou-me, dispondo-se a conversar. Falou-me em “Holocausto da Surdez, Holocausto Linguístico” e na falta de Políticas Públicas eficazes para a Educação de Surdos. Ela relatou que Mirella fez acompanhamento com fonoaudióloga desde os 8 meses, que foi ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, para saber como poderia educar sua filha e que passou a pagar professor surdo para ficar na sala de aula e fazer acompanhamento em Libras. “Muitas coisas se perdiam, claro, mas ainda assim, era melhor”.

Para Andrea, o implante (coclear) “é um diferencial, mas a escolha tem que ser dela (...); surdos implantados não tem contato com os que não são”. Pelo menos, por enquanto, Mirella, que teve um tumor no cérebro aos três anos, não quer. Diz ela: “Sou Surda, com Identidade Surda”. Sua mãe pensa no mercado de trabalho, “nem todo mundo sabe Libras” e nas possibilidades corretivas e terapêuticas das tecnologias, de um modo geral: “meu marido perdeu os movimentos das pernas, mas temos vontade que ele volte a andar”.

Na semana seguinte, consegui uma entrevista com Raquel, pedagoga e instrutora de Libras, que além de ser ela própria surda, é irmã e esposa de surdo. Seu irmão, Rodrigo e seu

marido, José Artur, já foram presidentes da ASJF. Das pessoas com quem conversei, ela é uma das pessoas que teve, desde a infância, uma situação socioeconômica mais favorável; sua mãe chegou a ser diretora da Escola Estadual Maria das Dores de Souza, onde a maioria dos surdos e de pessoas com outras deficiências da cidade estudaram.

Raquel e o irmão, Rodrigo, porém, estudaram numa escola particular, tinham professores particulares e fizeram acompanhamento fonoaudiológico até o fim da adolescência, quando tiveram contato com ASJF. Ela relatou que se sentia uma pessoa sozinha, já que o irmão, com menor grau de surdez conseguiu tornar-se oralizado de uma forma que ela não conseguiu:

Eu não percebia ninguém no mundo (...) mais surdos igual, não tô sozinha (...) não percebia identidade, não tinha contato, não reconhecia que era surda (...) antes, era difícil aprender as palavras, porque falta informação significado.

Raquel sinalizou que é importante todas as pessoas, de um modo geral, aprendam Libras, para melhorar a comunicação entre surdos e ouvintes; que é importante a comunicação [efetiva] em hospitais, com bombeiros, com a polícia, nos tribunais de justiça, no comércio... Raquel falou ainda sobre a importância de palestras específicas para surdos (em Libras) sobre temas como saúde e primeiros socorros...

Para finalizar essa parte da dissertação, trago um recorte fotográfico²⁵ da ata de uma reunião realizada na Escola Maria das Dores de Souza, há 20 anos, em 31 de Outubro de 1992, que propunha a criação de uma associação “que viesse a beneficiar os deficientes auditivos”, filhos pequenos dessas mulheres (em sua maioria), por isso “associação de pais e amigos”, em consonância com os termos utilizados pela APAE, Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais.

É interessante notar que inicialmente foi utilizada a categoria deficiente auditivo mas que ao serem propostos dois nomes Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA) e Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APAS), o segundo nome foi escolhido, reconhecendo-se a categoria surdo.

²⁵ Recebi de minha tia, mãe de Fabiano, que na época foi secretária.

Figura 1: Ata de uma reunião entre mães de deficientes auditivos/surdos (1992).

Inicialmente a Diretora da E. E. Maria das Dores de Souza, Maria Irene Geralda Mendes, usou da palavra para explicar aos presentes, o objetivo da reunião, que é de fundar uma associação que visasse a beneficiar os deficientes auditivos. A primeira providência foi a escolha do nome da associação: Dois nomes foram apresentados: APADA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos) e APAS (Associação de Pais e Amigos de Surdos). O segundo nome foi o escolhido por maioria absoluta. Em seguida, foi eleita a primeira diretoria da APAS X.II, sendo eleitos os seguintes membros: Presidente: Maria do Carmo Vargas de Assis - Vice Presidente: Maria Irene Geralda Mendes; Secretária: Helena

Fonte: ARQUIVO PESSOAL DE HELENA GUEDES PINTO

3 SOCIABILIDADE E FRONTEIRAS SIMBÓLICAS

A questão que se coloca com esta dissertação é uma questão política. Determinados atores sociais que podem ser reconhecidos como constituintes de um grupo que reivindica demandas específicas através de um processo complexo e difuso de militância são chamados pela Ciência Política de grupo de interesse, de ativistas (CAMARANI, 2008).

Na realidade, estas categorias correspondem a coisas diversas, já que, por exemplo, os atores sociais podem não ser exatamente indivíduos, mas alguma entidade ou corporação. Tampouco os grupos sociais são necessariamente grupos de interesse, a não ser que reivindiquem direitos perante a ordem vigente. Além disso, a questão do ativismo vai além da máquina, da burocracia de Estado porque está relacionada com iniciativas da sociedade civil engajada em determinada causa.

Atualmente esse tipo de arranjo social vem sendo chamado de “comunidades contemporâneas”. De modo semelhante às comunidades primitivas esse tipo arranjo ideológico, por assim dizer, possui suas regras de pertencimento e seus laços sociais, aliados à dinâmica das sociedades complexas, isto é, às redes de relações sociais, ao mundo globalizado.

A chamada “comunidade surda” e/ou as chamadas “comunidades surdas” são arranjos sociais ideológicos, linguísticos. A identidade e/ou as “identidades surdas” partilhadas através das relações entre as pessoas ali inseridas, constituem características e práticas que delineiam sua “cultura surda” e/ou suas “culturas surdas”.

A “causa surda”, se assim pudermos chamá-la, levanta uma questão de diferença entre as pessoas, culturas, etc.. Embora, ideologicamente, passe de modo tangente à questão da surdez como deficiência auditiva, pode e precisa ser inserida nas reflexões sobre deficiência, já que relaciona demandas culturais à incapacidade sensorial de ouvir (ou ouvir plenamente).

3.1 RECONHECIMENTO

As discussões sobre cultura, comunidade e identidade apresentadas no capítulo I, constituem-se como demandas de grupos específicos que têm trazido questões importantes no campo dos direitos e das políticas públicas. Essas reivindicações trazem novos paradigmas, que nem sempre são levados em consideração em trabalhos acadêmicos e na formulação de políticas.

Em relação ao Movimento Surdo, que luta por direito à língua de sinais como primeira língua (já reconhecido no Brasil), à escola bilíngue e formação e valorização dos profissionais intérpretes, nota-se que estas reivindicações vão de encontro a regras e políticas vigentes, como a inclusão na escola regular. Segundo conversas de campo e palestras de que participei, os surdos militantes gostariam de poder estudar em escolas específicas para eles, ao invés de ser incluídos nas escolas regulares. A “diferença”, ou seja, a particularidade do modo como os surdos apreendem o mundo e a maneira como se comunicam através das línguas de sinais, bem como a possibilidade de ter professores surdos, é o que tem sido dito pelos surdos com quem conversei, para justificar essa ideia. Além disso, existe insatisfação, sentimento de exclusão com relação à escola comum.

Por outro lado, com relação a outras leis que representam pessoas com deficiência, como o passe-livre e as cotas em concursos públicos e no mercado de trabalho, a inclusão é desejada. Trata-se, afinal, de direitos adquiridos. É uma situação de confluência de paradigmas, que se alternam conforme a conveniência, fato. Mas é mais do que isso. Ora, acredito que não seria fácil para muitos deles arranjar emprego, por exemplo. Além disso, não existem associações e faculdades Letras-Libras em todas as cidades e o passe-livre interestadual facilita o acesso e a comunicação entre eles.

Outra situação complexa é a questão “identidade-surda” x “implante coclear”. Não é possível, neste trabalho, estabelecer ao certo até que ponto as chamadas “identidades surdas” perderiam suas características caso a tecnologia do implante fosse mais utilizada. Por outro lado, é também questionável o implante em pessoas com surdez profunda. Fato é, que cada indivíduo, de acordo com seus padrões de decisão, possibilidades de acesso a informação, mobilização de recursos financeiros, resiliência e apoio moral, familiar, psicológico, etc. é quem decide se quer ou não, se pode ou não, passar pela cirurgia e pelas terapias necessárias à adaptação do processamento auditivo e do melhor desenvolvimento da fala, conforme salientou Andrea²⁶ e conforme já ouvi comentários em conversas de campo.

Outra questão está ligada aos processos de normatização/ normalização (FOUCAULT, 2012) a que estariam submetidas essas pessoas. Pesquisadores versados no assunto propõem compreender a surdez não sob a ótica e lógica da “falta” (da audição), mas da presença de um meio de conhecimento de mundo peculiar, que permite com muito mais facilidade aprender uma língua de modalidade visual gestual, do que uma língua comum, pautada na oralidade, conforme me foi dito por Gisele, observando o irmão; conforme eu mesma percebi com meu

²⁶ Ver etnografia.

primo que tirava o aparelho; conforme ressalta o professor Carlos Rodrigues, coordenador do Grupo de Estudos em Educação de Surdos (GEES) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Um interessante processo em desenvolvimento é o “*signwriting*”, que é uma grafia para as línguas de sinais, que tem sido desenvolvida por pesquisadores da área da Linguística, entre eles surdos e ouvintes, que permite aos surdos além de uma aprendizagem enriquecedora do ponto de vista intelectual e criativo, uma forma de documentar por meio da escrita, suas histórias, percepções de mundo e experiências de vida (THOMA *et al.*, 2010).

A questão dos surdos, para muitos, é mais uma “simples” questão de minorias (como se cada minoria não tivesse razões suficientes para lutar por causas aparentemente peculiares), mas que no fundo, trata de coisas que deveriam ser do interesse de todo ser humano. O pensamento hegemônico governa as massas, mas existem indivíduos e coletividades que procuram, enxergam, escutam e tateiam e constroem outras formas de vida mais “pautáveis”, mais justas; quer seja para estas minorias, quer seja para todos, quer seja em benefício próprio num primeiro momento.

Se à época do Iluminismo os valores universais e na Revolução Francesa, os ideias de liberdade, igualdade e fraternidade foram reivindicados, tem-se hoje, o relativismo, os direitos de minorias, as ações afirmativas, o direito positivo (HABERMAS, 1997).

Mas não é somente no plano dos direitos e na ordem política que têm importância esses movimentos, existe toda uma sutileza, uma sensibilidade, que influenciou pensadores e artistas do mundo todo, especialmente desde o pós-guerra, que ganhou força nos anos 60 e 70, com a contracultura, com os movimentos artísticos, os novos feminismos, a teoria quer o movimento negro, os movimentos indigenistas, entre outros.

Reivindicar cultura, identidade e comunidade próprias não é privilégio dos surdos. Outros movimentos como o movimento negro, o movimento *gay* ou o movimento esperantista também reivindicam o reconhecimento (HONNET, 1996; FRASER, 2003) de sua existência e demandas específicas através destes conceitos. O desejo de poder ser como se é, de forma digna e respeitosa, de ter um “governo de si” (FOUCAULT, 2012) é o que move esses indivíduos.

Existem pessoas que lucram com essas demandas, como líderes que abusam do poder, exaltando vaidades e interesses pessoais ou o mercado, que vê alguns públicos como consumidores em potencial; o que é valorizado e reivindicado. As desigualdades não deixam de existir: uma coisa é ser surdo e morar na periferia ou ainda na zona rural, outra coisa, é

pertencer a uma classe média e ter apoio familiar, psicológico e financeiro para custear e cursar uma faculdade. Exceções existem, mas as soluções individuais são grandes geradoras de desigualdade e é por isso que a mobilização de grupo tem seu valor.

Outra questão semelhante é o risco de cooptação partidária a que estão sujeitas as minorias ou indivíduos pouco ou falsamente politizados. Princípios éticos, razão e comunicação se entrelaçam de tal forma, que aquele que domina as informações, por meio retórico, tende a influenciar àqueles menos informados e menos articulados politicamente. No caso dos surdos, isso é muito grave. Eles votam e o que deveria ser um exercício de cidadania, pode tornar-se um “voto de cabresto” (o que também não é privilégio deles) já que a maioria absoluta dos candidatos não se lembra desses eleitores, não se lembra dessas pessoas. Aqueles poucos que “fazem um agrado”, prometendo benefícios específicos, tornam-se acessíveis a eles; denotando uma falsa democracia, uma falsa participação política e uma total falta de ética. Pode-se e deve-se ter políticas específicas para demandas específicas, no entanto, é preciso que a acessibilidade ao conhecimento dos atos políticos seja possível também para eles, para os surdos, para que possam decidir de forma crítica.

A educação, a sociabilidade e a politização são construídas socialmente, decorrem das vivências a que se submete um indivíduo ou um grupo. Perseverança, tentativa e erro são as bases da aprendizagem e da resiliência. Uma pessoa surda é capaz de conquistar essas coisas, mas as bases institucionais e o preconceito, sobretudo o preconceito linguístico, são formas e barreiras que precisam ser superadas.

Estabelecendo-se um paralelo entre a questão dos surdos e a teoria feminista de Judith Butler, para quem “o gênero não é uma categoria fixa, uma essência, mas uma categoria fluida, demonstrada naquilo que as pessoas *fazem*, e não o que elas *são*” (BUTTLER *apud* GIDDENS, 2011) pode-se pensar em diferentes formas de ser surdo e como isso é socialmente construído em diferentes contextos.

Anthony Giddens, ao explicar o pensamento do sociólogo alemão Ulrich Beck comenta sobre “grupos da *subpolítica*, que fazem reivindicações divergentes [e] têm interesses diferentes”, reconhecendo a existência de uma “*democracia das emoções* latente na vida cotidiana” (Giddens, 2011). As demandas identitárias fazem parte dessas políticas, porém ainda são pouco difundidas, chegando a ser negligenciadas por segmentos contrários às línguas de sinais, que valorizam somente a oralidade.

É preciso reconhecer que informação, esclarecimento e senso crítico às vezes ficam prejudicados pela dificuldade de comunicação. No âmbito familiar, desde a infância, a

maneira como as pessoas são educadas, os exemplos, as conversas que se têm exercem influência na formação do sujeito (surdo). Assim como as relações amizade, a escola, o trabalho, o acesso ou não à tecnologia, às diferentes formas de conhecimento de mundo e de aprendizagem sobre toda e qualquer coisa influenciam a maneira de pensar das pessoas.

Há um tempo atrás o termo “mudinho” era utilizado no senso comum para designar quem tivesse problemas de fala, surdez ou deficiência intelectual. Isso traz outra questão importante, ligada às cotas do mercado de trabalho e às relações sociais, como um todo, entre surdos e ouvintes. A maioria das empresas precisa apenas preencher essas cotas, para não serem multadas. No entanto, as relações trabalhistas, as interações com os colegas, não somente no sentido lingüístico, mas também no sentido relacionado às concepções de mundo podem tanto entrar em choque, quanto serem sublimadas, produzindo sensibilidade e atitudes diferentes.

3.2 A NORMATIVIDADE DA CULTURA SURDA

Conforme já relatado no capítulo anterior, pude participar de algumas palestras realizadas pelos surdos. Trago anotações de duas delas, uma de 2011 e a outra de 2012, ambas organizadas pela Associação dos Surdos de Juiz de Fora (ASJF) em comemoração ao Dia Nacional do Surdo, 26 de Setembro²⁷. As duas palestras aconteceram no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora.

A intenção aqui é trazer os “discursos”, os “enunciados” (FOUCAULT, 2012) dos surdos, o que eles dizem sobre si mesmos num momento como este, um “ritual” que tem um significado e uma função quase pedagógica, quase doutrinária, para eles. Meu foco estava exatamente nisso, neste momento. Anotei tudo o que podia sobre o que era dito e tentei reproduzir tudo o que vi e escutei destes palestrantes. Pude notar que o ambiente estava cheio, que havia pessoas que se repetiam nesse tipo de evento, mas não o tratei exatamente como uma ida a campo no sentido etnográfico. Não teria sido possível anotar e reproduzir todos os enunciados se eu tentasse me manter atenta às outras pessoas e ao ambiente o tempo todo.

Um dos primeiros a se apresentar foi o vice-presidente da ASJF, na época, Bruno Viana da Silva. Segundo Bruno, os surdos não gostam do termo “deficiente” (auditivo), sinalizando/dizendo em Libras “Surdo que se aceita não ‘usa’ D.A., [quem ‘usa’ são] surdos oralizados, “implantados”, que não fazem uso de língua de sinais e muitas vezes a

²⁷ Ver Capítulo II.

desprezam”. E complementou que não deveriam ser usados “nem surdo-mudo, nem surdo e mudo, muito menos os diminutivos surdinho ou mudinho; os surdos não gostam, vamos respeitar”, disse ele.

Bruno falou ainda sobre dicas de um bom relacionamento com pessoas surdas, como ambiente claro, com boa visibilidade, não gritar e usar um tom de voz normal, tocar no braço pois é difícil chamar de longe, não olhar para outro lado ao conversar porque o contato visual é importante na comunicação e “porque eles foram compensados na visão”, é importante que ele veja sua boca (mesmo usando sinais, fazemos movimentos silábicos perceptíveis aos olhos), procurar não ficar contra a luz, sempre de lado. Além disso, disse ele: “é indispensável aprender a usar Libras” e uma coisa muito importante: é indelicado passar no meio de duas ou mais pessoas conversando em Libras, porque isso interrompe a comunicação; caso não seja possível, é sinal de respeito pedir licença.

Já o presidente da ASJF, na época, Lucas Vargas, ao expor o tema cultura surda, falou sobre comunicação e independência do surdo em relação ao ouvinte, discutindo sobre a evolução das tecnologias: bilhetes, necessidade de pedir a um ouvinte para realizar uma ligação, uso de TDD²⁸. Segundo Lucas, atualmente, os celulares, a internet, os *tablets* e os *smartphones* facilitam muito o contato, principalmente entre eles: com a possibilidade do envio de mensagens, mensagens multimídia ou uso de *webcam*.

Mas como ligar para os bombeiros, para a polícia, para um hospital? Questionou Lucas. Especialmente, se uma pessoa mora sozinha ou não tem ninguém ouvinte em casa. Foi então, que apresentou um vídeo sobre uma nova tecnologia que chega ao Brasil, um pequeno aparelho que, por videoconferência permite a comunicação a longa distância, inclusive entre surdos e ouvintes. Em contrapartida o aparelho ainda é bem caro, segundo o palestrante, requer mensalidade para funcionamento do serviço e não oferece privacidade, pois a comunicação é feita via intérprete. Ainda sobre tecnologias, Lucas falou também sobre campanhas luminosas em residências e locais como escolas e trabalho, especialmente para avisar sobre “algo errado”, questão de segurança. “Por exemplo, se gritam: ‘Fogo!’”. Exemplificou.

Segundo Lucas, “antigamente o surdo demorava para aprender mas com Libras junto é mais fácil”, mencionando a existência de dicionários de Libras e comentando sobre um recurso que, de acordo com ele, existe em alguns espaços como museus e zoológicos em

²⁸ Do Inglês: *Telecommunication Device for the Deaf*, é um dispositivo semelhante à uma máquina de escrever, que pode ser acoplado a um telefone público ou residencial. A pessoa surda escreve e recebe mensagens por escrito.

alguns países da Europa, que têm o nome da obra/animal e uma sinalização desenhada; o que facilita a aprendizagem, o conhecimento de mundo, que se dá num contexto bilíngue, por comparação e por um somatório de signos.

Um outro palestrante, ex-presidente da ASJF, Rodrigo Mendes, expôs o tema “Luta dos Surdos”, relatando fatos como maus tratos, relatos de incapacidade, surgimento de instituições, proibição das línguas de sinais, criação de associações de surdos e divulgação das línguas de sinais. Segundo Rodrigo, “a principal luta é social”. Rodrigo falou sobre direitos de acesso à comunicação, informação e formação como necessidades para o uso de língua de sinais e não de linguagens gestuais como mímica ou mesmo Português Sinalizado.

Para Rodrigo “os surdos sabem de sua diferença em relação à sociedade ouvinte” e disse que alguns odeiam, não se identificam com a palavra deficiência ‘porque levam uma vida saudável’. O ex-presidente da ASJF sinaliza que a Libras é um suporte, uma ferramenta de acessibilidade e disse que a particularidade é linguística, cultural, com o sentido da visão de alguma forma fazendo as vezes da audição também, diferenciando os surdos dos ouvintes. Sobre isso, Rodrigo citou o entendimento de algumas piadas, que fazem sentido numa cultura, mas não em outra. Comentou ainda sobre uma prova em vídeo, toda sinalizada do curso Letras Libras, na qual poucos ouvintes passaram, mesmo dominando Libras.

O ex-presidente falou também sobre apoio, aconselhamento da família e da escola na difusão da Libras, sobre encontros e reuniões entre surdos: “o surdo quer encontrar o outro surdo, quer conversar. Esquece religião, sexo, raça... quer encontrar, se reconhecer; o surdo gosta disso”. Rodrigo disse também que “a associação precisa de intérpretes para essa luta” e sobre acessibilidade à escola, saúde, trabalho e lazer como direito do surdo, mas que às vezes ele precisa de ajuda nessa questão, que “mãe precisa orientar, mas também ser orientada” e que o papel do intérprete é em muitos lugares, importante para união e desenvolvimento.

Além disso, Rodrigo comentou sobre “conquistas através da luta”: legislações em âmbito federal estadual e municipal sobre o reconhecimento e a difusão da Libras, dizendo que “quando algo se torna lei, aí se dá importância”. Falou ainda sobre objetivos não alcançados: sede da associação, atendimento acessível e mercado de trabalho complicado. “Só oferecem vagas para serviços gerais, serviços pesados ou prejudiciais à saúde, como trabalhar com tinta, por exemplo; mas o surdo gosta de organizar ou trabalhar com informática”.

Rodrigo comentou sobre a falta de intérpretes em programas televisivos, inclusive em jornais e que nos EUA existe estação de rádio via internet que tem câmera com ASL (*American Sign Language*). “Surdo adora! Mas falta Libras [no Brasil]”, sinalizou.

Sobre o momento atual da luta surda, o ex-presidente destacou a educação bilíngue para surdos, a necessidade de professores fluentes e habilitados, bem como a necessidade de intérpretes qualificados, tecnologia adaptativa, materiais adaptados (mais DVDs, não só livros) e “formação garantida e bem sucedida”.

Rodrigo complementou sua fala, explicando sobre o significado do laço azul; era cor que representava as pessoas com deficiências intelectuais e que muitas vezes, os surdos eram colocados entre eles nos campos de concentração nazistas.

Um ano depois, novamente em comemoração ao dia do surdo houve palestra no mesmo local. Desta vez a ASJF trouxe palestrantes do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, de São Paulo e inclusive uma palestrante francesa, todos surdos.

Disse o primeiro palestrante, Paulo Bulhões, em tom sério e ao mesmo tempo brincalhão, ao sinalizar sobre características negativas estereotipadas atribuídas aos surdos, como arrastar cadeiras sempre fazendo barulho ou até flatulência, procurando desmistificar, desnaturalizar essas concepções. Falou que o Setembro Azul seria um símbolo para os surdos e que “sem a comunicação em sinais a vida para eles seria ‘como uma árvore seca’”. Disse Bulhões: “A cultura surda está presente no mundo, não é [só] orgulho, o surdo é diferente do ouvinte e quer viver bem.” Ao fundo em projeção de *data show* uma figura do planeta Terra com várias mãos em desenho, grandes e coloridas em interação.

O segundo palestrante, Sandro Pereira, falou sobre o tema “O negro surdo”, denunciando a segregação que ele mesmo e outros surdos negros vivem não só na sociedade, mas dentro das comunidades surdas. Este palestrante trouxe uma discussão que eu nunca havia presenciado nessas palestras; abordou um contexto histórico que ia além da questão surda ou mesmo da questão negra, citando figuras como Ghandi e Che Guevara em contraponto com a figura de Hitler, mas comentando que estudamos mais sobre este último do que sobre os primeiros, que muitas pessoas conhecem um, mas não conhecem os outros. Pereira falou do contexto do pós-guerra, sobre a ONU e Direitos Humanos, sobre a constituição de 88. Ele estuda Direito foi candidato a vereador em São Paulo. Pereira falou sobre a importância da consolidação das leis, chegando a explicar sobre tipos de lei e disse que faltam surdos na área do Direito.

O terceiro palestrante, Ricardo, era visivelmente bem jovem, falou sobre “História surda no mundo” e com empolgação trouxe exemplos de pessoas surdas que se destacaram no mundo, à quem agradecia, como Hellen Keller, surdocega que no início do século passado fez faculdade e aprendeu muitos idiomas; Eduard Huet, fundador do INES (Instituto Nacional de

Educação de Surdos); trazendo uma informação que muitos não tinham: a primeira escola de surdos, na verdade foi fundada no Flamengo (RJ) em primeiro de janeiro de 1956. Ricardo disse também que Graham Bell ficou conhecido por ter inventado o telefone, mas que, hoje, ninguém sabe que sua mãe e sua esposa eram surdas.

De acordo com ele, o primeiro “clube de surdos” é de 1864, quando após o congresso de Milão, vigorou Oralismo Puro²⁹ e as línguas de sinais estavam proibidas. Ricardo disse que os surdos se reuniam e se escondiam para conviver e poder usar essas línguas. Em seguida, citou os nomes de Assaroti Otávio Pinto e Pierre de Ronsard, que teriam sido poetas surdos, sinalizando que as pessoas podiam rir, mas existe poesia em línguas de sinais.

Outros surdos que ficaram famosos nos Estados Unidos e no mundo de acordo com Ricardo, foram: Padre Quendon “um homem triste, que fazia esculturas”, Andrew Foster primeiro surdo negro na Gallaudet, que fundou cerca de 22 escolas em países da África; Bernard Bragg, ator, diretor e dramaturgo do Teatro Nacional de Surdos; Pride Curtis, antigo jogador de basebol; Matt Hamill, lutador de UFC (*Ultimate Fighting Championship*). “Ele ganhou outro dia de um ouvinte e eu fiquei feliz!”, disse Ricardo, que logo continuou a listar surdos americanos famosos. Aimee Walker: ginasta surdocega; Grandville Redmond, pintor impressionista que teria ensinado *American Sign Language* (ASL) a Charles Chaplin; Kitty O’Neil mulher surda no automobilismo e Lon Chaney, que teria produzido 156 filmes, inclusive, entre eles, filmes de terror.

Ricardo mencionou ainda a importância da *Gorilla Foundation* que realiza pesquisas com primatas e linguagem de sinais e em seguida, que o Holocausto teria matado cerca de 17 mil surdos. Ricardo finalizou deixando em aberto a pergunta “E os surdos brasileiros?”

A quarta palestrante, a francesa Carine Meysic, com o tema “Por que viver a juventude francesa no apartamento” mencionou o termo *out* para designar “pessoas que se separam das famílias”, como estudantes, *gays*, lésbicas e surdos que vão em busca de estudo, trabalho, independência e fazem novas amizades, às vezes morando juntos em repúblicas.

É interessante mencionar que a palestrante usou a língua de sinais francesa, que era traduzida por um surdo que dominava essa língua, também palestrante (Ricardo), que funcionou como um “espelho” para Lucas (ex-presidente; também falou nesse dia), que ao lado da palestrante fazia os sinais em Libras, que eram por sua vez traduzidos pela intérprete [ouvinte] para o Português.

²⁹ Ver capítulo I.

É interessante notar que quando os surdos se dirigiam ao palco para fazerem perguntas a essa palestrante francesa, eles olhavam diretamente um para outro enquanto sinalizavam em suas respectivas línguas, embora, paralelo a isso, um esquema triangular de tradução ainda se mantivesse, especialmente para facilitar o entendimento da intérprete que traduzia aos ouvintes. A modalidade visual gestual mesmo de línguas diferentes permitiu certo entendimento entre os surdos. Além disso, a Libras é derivada da língua francesa de sinais³⁰, como muitas outras línguas de sinais oficiais no mundo.

A quinta palestrante, Heloise Gripp Diniz é mestre em linguística e além dela, seus pais eram surdos. Ela falou sobre história e evolução da Libras, dando exemplos de “sinais idênticos, sinais em mudança fonológica e sinais em mudança lexical do mesmo significado”, trazendo para a discussão elementos como “simetria das mãos, deslocamento locativo, assimilação (junção de sinais), “deleção” de sinais, perda de traço fonológico, acuidade visual (como o favorecimento de sinais com apenas uma das mãos e diminuição do espaço de sinalização). “Antes parecia um pavão”, sinalizou Heloise, sobre a maneira como se estruturavam os sinais tempos atrás. A linguísta falou também sobre “sinais caseiros, influência de gestos, sinais de iconografia” na formação da Libras atual, comentando que os sinais que os pais dela usavam em casa com os avós ouvintes e o que aprendiam no INES se misturavam aos que utilizavam com ela em casa e ao que ela aprendia no INES.

Heloísa comentou ainda sobre a influência de fatores externos, falou de *Pidgin*, empréstimo de sinais de línguas em contato, bilinguismo e preconceito linguístico. Sobre questões linguísticas internas, falou que os sinais diminuíram. Por exemplo, cadeira era feito com o corpo (como mímica, pantomima) e hoje em dia era com a mão. Falou que há pesquisas sobre regras gramaticais, que, por exemplo, os sinais icônicos são cópias de formas e que a sociolinguística estuda os sistemas linguísticos. Heloísa disse que as pesquisas são recentes e que é preciso filmar, registrar, guardar as diferenças linguísticas encontradas em cada grupo de surdos.

Cada um desses discursos retrata outro paradigma, uma concepção de normalidade, outra “normatividade” (FOUCAULT, 2012), como se fosse uma outra “regra”, um novo jeito ou possibilidade de viver, de ser surdo. A militância é clara. Há nesses enunciados a manifestação de representações de experiências da surdez. Certamente existem outras concepções, outros modos de vida e até desigualdades dentro deste próprio discurso, que tem se tornado hegemônico entre aqueles que se denominam Surdos, visto que esses palestrantes

³⁰ Ver Capítulo I.

tiveram acesso ao ensino superior, de maneira semelhante a um pequeno grupo de surdos de Juiz de Fora com quem fiz trabalho de campo.

Eles são a liderança, parecem se considerar modelos para os outros, que mesmo em condições diferentes em termos de escolaridade ou renda parecem também considerá-los modelos; pelo menos é o que se imagina quando se vê tanta gente reunida mais de uma vez nesse tipo de evento. Apesar de que, ali também é mais uma oportunidade de convivência, de rever as pessoas. Para os familiares e estudantes de Libras talvez seja uma oportunidade do que alguns chamam de “choque cultural”. Ainda que possa não se compreender tudo ou concordar com tudo, é ao mesmo tempo um exercício de atenção, com momentos de epifania.

3. 3 SOCIABILIDADE E FRONTEIRAS SIMBÓLICAS

O aspecto central deste trabalho visa compreender o que temos chamado de “cultura surda” como um constructo simbólico compreendendo não somente as relações sociais, mas também a Língua Brasileira de Sinais como um sistema, como elemento e instrumento do que tem sido chamado de comunidade surda.

Dessa discussão não pode passar despercebida a questão do uso do corpo, da fala através do corpo, mais do que gestos, que por si mesmos já são complexos, mas como instrumento de construção de uma língua de modalidade visual gestual. A falta de visibilidade, de prática e costume, contribui para o estranhamento das pessoas e para que as línguas de sinais sejam concebidas como fonte comunicacional de menor valor, como percebo em alguns comentários. Algumas pessoas acham que é simples demais, acham que é “gesto”.

Outro ponto importante, de certa forma análogo à comunicação em língua de sinais, é a questão dos surdos pensada como “cultura híbrida” (CANCLINI, 2011), como grupo de pessoas que cotidianamente vive um “atravessamento” de “fronteiras simbólicas”, que forma uma ou muitas comunidades, não exatamente num sentido territorial, mas num sentido simbólico, conceitual; que agrupando-se, reunindo-se em espaços específicos, como as associações ou demais locais que costumam frequentar em grupo, desenvolvendo sociabilidade e solidariedade entre si.

Em meio à diversidade de modos de vida e pensamentos que complexamente formam uma cidade, podemos buscar na antropologia urbana, alguns fundamentos para pensar a maneira como grupos de surdos se relacionam entre si e com outras pessoas nos diferentes contextos urbanos. Vimos aqui que o espaço do CECEL, através das atividades da ASJF

torna-se uma espécie de “clube de surdos”, vimos a influência de determinadas igrejas (SILVA, 2012) vimos exemplos de festas e de encontros (inclusive palestras específicas deles).

A sociabilidade, no sentido *simmeliano*, compreendida como “forma lúdica de sociação”, é, num contexto urbano, observada como característica de grupos, de ambientes, de situações mais específicas, relacionadas à identificação dos indivíduos entre si. Observam-se diversos acontecimentos, modos de viver, diversos “mundos” numa mesma cidade.

Nesse sentido, existem então “fronteiras simbólicas” (BARTH, 2000) que são cotidianamente feitas, refeitas e “atravessadas” pelas pessoas de grupos ou etnias diversas. Isso se dá através do compartilhamento ou não de significados; faz parte de um cotidiano urbano, culturalmente complexo, de uma “colagem” como diz Geertz (2001).

É comum ver grupos de surdos pelas ruas, conversando em Libras. No entanto, isso não é algo que mereça a atenção da maioria das pessoas, e nem deve, afinal, eles estão ali, em conversas entre eles e até olhar demais quando se sabe a língua é considerado indelicado, algo como “*escutar a conversa alheia*”.

Mais do que encontros em dados momentos e locais, pessoas que têm algo importante em comum se encontram, ocorre a “transcendência de um momento” (DOUGLAS, 2004 *apud* FRÚGOLI JUNIOR, 2004), uma comunhão de certos valores específicos. Ainda que ocorram diferenças individuais ou divergências e opiniões segmentadas, as pessoas se reúnem porque têm e querem manter algo em comum, além da convivência e da solidariedade de grupo.

Nestes momentos e locais, existem códigos de interação (FRÚGOLI JUNIOR, 2004) que funcionam como espécies de normas informais, mantendo o grupo coeso, visando evitar ou diminuir possíveis conflitos intra e intergrupais. Para os surdos, como já mencionado, não é recomendado passar entre uma ou mais pessoas conversando sem ao menos pedir licença, pois isso interrompe a comunicação entre eles. Outro aspecto ressaltado são os problemas advindos de “fofocas” que faz, por exemplo, um indivíduo deixar de frequentar determinado espaço ou evitar certos contatos e é um hábito “regulador” comum em nossa sociedade.

Os intérpretes conseguem fazer parte deste universo, além de namorados ou um ou outro amigo. É realmente difícil estar num lugar onde se fala outra língua, se defende algo específico quando não se compartilha disso. Um ponto fundamental é que esses encontros costumam ocorrer em momentos que a maioria das pessoas costuma ter como lazer, como as sextas à noite no CECEL. O clima neste lugar é de conversa, bate-papo, mas também de aula/treinamento em conversação e tomada de decisões sobre a associação e o CECEL.

Apesar dessa parte burocrática, é como se fosse um momento de “rever a família” dizem eles. Abre-se mão de estar em outros locais para estar com “os seus”, como dizem.

A dinâmica relacional da cultura, isto é, a maneira como os seres humanos se relacionam, independente de compreender ou não um signo, um código ou um conjunto ordenado de códigos (uma língua ou uma informação) é o que constrói a cultura. É neste universo simbólico, reflexivo e pré-reflexivo que se aprende a “ser no mundo” a compreender uma mensagem, a “ser afetado” através da experiência. Ver e mais ainda, compreender e experimentar a Libras, é uma experiência estética muito interessante. Mas é mais do que isso. É uma aprendizagem do corpo, é a experimentação de dizer algo numa outra língua, vai além dos gestos e da compreensão do olhar.

Há divergências nos paradigmas da surdez, mesmo nos paradigmas sócio-antropológicos. Assis Silva (2012) demonstra através de ampla pesquisa, o que chama “performatização da particularidade étnico-linguística dos surdos”. Em estudo inédito, o antropólogo pesquisou rituais religiosos, apontou as influências de intelectuais e políticos ligados a essas religiões e identificou a existência de um “mercado da libras”. Para fundamentar sua tese, o autor argumenta sobre os *Estudos Surdos*³¹:

O que esta análise postula é que emergiram diversas categorias que normatizam uma concepção de surdez na qual ela é afirmada e performatizada como particularidade étnico-linguística. Os termos legítimos para nomear o grupo passam a ser surdos, povo surdo ou comunidade surda. Outro dado fundamental para arrematar o desenho dessa normatividade foi a produção de uma história canônica da surdez que funda uma unidade entre os surdos no mundo e no Brasil. (ASSIS SILVA, 2012, p. 34)

Pouco estudados no Brasil ou mesmo no mundo, os movimentos sociais de pessoas com deficiência emergiram nos anos 70, na Europa (BARNES; MERCER; SHAKESPEARE, 1999; 2003). Após a Segunda Guerra Mundial, com a crise dos Estados de Bem Estar Social (*Welfare States*), houve fortalecimento do sistema capitalista, já que os recursos tornaram-se escassos no pós-guerra. O número de mutilados da guerra era assustador, as pensões por invalidez aumentavam em número e alguns postos de trabalho foram sendo ocupados por pessoas com deficiência.

³¹Os *Estudos Surdos* se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político (Skliar: 2011: 5).

Os movimentos das pessoas com deficiência e provavelmente os movimentos surdos foram influenciados tanto por essas questões quanto pela contracultura nos anos 60³², pelos movimentos feministas, pelos movimentos de etnicidade e mais recentemente pelo movimento negro e pelos movimentos anti-homofobia. São perceptíveis paralelismos de reivindicação de cultura, identidade e comunidade e a emergência desses grupos historicamente oprimidos como sujeitos de direitos perante o Estado e a sociedade.

Assis Silva (2012) argumenta sobre a maneira, como é contada o que classifica como história canônica dos surdos, classificando-a de etapista, com heróis e carrascos. As informações encontradas em toda a literatura sobre os surdos tratam de avanços e retrocessos quanto à comunicação e a independência destes, levando-se em conta os processos de desenvolvimento das línguas de sinais, dentro de diversas instituições religiosas, bem como os processos de tentativa de desenvolvimento da fala e das tecnologias auditivas dominantes em consultórios médicos e na educação da nobreza, quando havia entre eles alguma pessoa, algum filho com deficiência auditiva.

Neste sentido, é importante destacar a perspectiva dos surdos com quem realizei trabalho de campo. Como me foi relatado “são os próprios surdos oralizados que passaram a assumir a liderança da questão surda, pois ao conhecerem outros surdos que utilizavam sinais passaram a questionar a educação (oralista) que tiveram”. Rodrigo, um dos palestrantes que aparece aqui, é um exemplo disso. Ele e sua irmã, Raquel³³, ambos surdos, de classe média, com educação oralista, relatam que ao tomarem contato com outros surdos e com a língua de sinais, sentiram-se mais acolhidos, acharam essa forma de comunicação muito mais fácil e interessante, fizeram amigos, passaram a conviver com surdos de outras classes sociais.

Assis Silva (2012) ressalta que os movimentos surdos, coordenados pela *World Federation of the Deafe* pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) tendem a construir uma normatividade sobre o que é ser surdo. Segundo o autor, é preciso, levar em conta o carisma das lideranças religiosas e a militância acadêmica de pesquisadores de trajetória religiosa e as consequentes influências deliberativas no Estado laico brasileiro.

³² Ver sobre a Revolta na Galaudet, no capítulo I.

³³ Ver etnografia, capítulo II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma dissertação de mestrado em Antropologia (ou em Ciências Sociais) tem introdução, capítulos teóricos e uma parte dedicada à pesquisa de campo, à parte empírica, além das conclusões finais. Durante todo o tempo da pesquisa a dúvida sobre bibliografia e mesmo sobre a própria questão central esteve presente. Interação e Sociabilidade ou Política Identitária? Pesquisar um tema com o qual se tem ligação próxima é, de fato, um desafio enorme. A experiência é densa do ponto de vista pessoal e torná-la densa do ponto de vista antropológico é algo que acredito ter conseguido.

Ao reconhecer os problemas faz-se necessário também reconhecer as coisas boas e não menos importantes. A ideia inusitada, a vontade de fazer pesquisa e a persistência, ainda que vacilante em alguns momentos tornaram este trabalho uma oportunidade rara de reflexão socioantropológica e política. A lição que fica é que respeitar e questionar a diferença dos surdos é parte importante da compreensão de que é preciso enxergar não só o que nos separa, mas o que nos une: sermos humanos, estarmos vivos. Nesse sentido, uma pergunta que fica é: por que não estarmos mais próximos?

Na vida cotidiana, prática, a questão não é simples. Os conflitos decorridos da dificuldade de entendimento são frequentes. Ainda que uma pessoa aprenda Libras, isso não basta; é preciso convivência. Para haver convivência, de modo espontâneo, é preciso haver afinidade, interesses em comum. Se ainda muitos “ouvintes” insistem em patologisá-los, os Surdos recusam a surdez como um estigma, passando a valorizar a atenção visual, a precisão dos movimentos das mãos e a expressão facial, alguns dos elementos que dão forma ao que se pode chamar de Orgulho Surdo. Presenciei em palestra pessoas surdas dizendo que não querem ser vistas como pessoas com deficiência, mas sim como uma expressão de diversidade, como pessoas que integram um universo diferenciado (grifo meu), que podem fazer tudo o que todos fazem. Lê-se no enunciado dicotômico: os surdos podem fazer tudo o que os ouvintes fazem.

Desde que exista acessibilidade, de fato, podem. Entretanto, se questionarmos, por exemplo, a autonomia de uma pessoa surda em relação a um profissional intérprete, que traduz Português para Libras e vice-versa, então teremos aí um ponto importante: embora o profissional apenas traduza, ele é uma presença, uma outra presença e isso acarreta um processo diferenciado de sociabilidade; o que interfere em outros aspectos da vida da pessoa ou e do grupo. Neste caso as relações sociais podem interferir de maneira peculiar na

construção de significados, já que existe uma limitação decorrente da necessidade de mediação, através do intérprete.

Outro ponto a ser destacado está relacionado ao campo dos direitos. Como pessoas com deficiência, os surdos têm adquiridos direitos como o passe livre (inclusive interestadual) e as cotas no mercado de trabalho. Como existem muitos surdos em situação precária de alfabetização e escolaridade, além das questões elementares da comunicação, seria muito difícil para muitos conseguir um emprego, o que é modificado através das cotas.

Em linhas gerais, embora existam políticas públicas específicas para essa população, ocorre uma situação de abandono institucional. Se a política educacional, por exemplo, segue o paradigma da inclusão, O Movimento Surdo têm criticado essa ideia e apontado o caminho das escolas específicas para surdos. Há cerca de dois anos houve rumores de que o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, seria fechado. Por isso, ativistas da causa surda, defensores da escola para surdos e da educação bilíngue protestaram e atualmente o instituto não corre o risco de fechamento; pelo contrário, encontra-se em expansão.

Dentre aspectos políticos gerais, a questão fundamental é mesmo a disputa no campo da enunciação. Intelectuais surdos e ouvintes podem realizar trabalhos “ouvintistas” ou trabalhos que fundamentem a ideia de “surdalidade”. O autorreconhecimento e o reconhecimento cívico são conquistas que fazem parte de um processo fundamental da construção da autonomia e da cidadania da pessoa com surdez.

Entre as teorias e o trabalho de campo etnográfico está o ativismo observado nas palestras da ASJF, a influência religiosa percebida em discursos (SILVA, 2012), a convivência em espaços específicos como o CECEL, as variações socioeconômicas e os desejos de consumo. Por um lado a fala e a escrita diferentes, por outro a desenvoltura das mãos e as expressões marcantes dos rostos.

Em Antropologia, faz-se necessário um estranhamento. Por isso, uma comunicação que mistura modalidades linguísticas ou pelo menos capacidades sensoriais distintas, merece muitos estudos, ainda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS SILVA, C. A. de. **Cultura Surda**: agentes e a construção de uma identidade. 1. ed. São Paulo, Terceiro Nome, 2012.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

BARTH, F. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Org. TomkeLask. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

BARNES, C; MERCER; G; SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability: A Sociological Introduction**. 1. ed. Cambridge, Plity Press, 1999.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and Subversion of Identity**. 3. ed. New York, Routledge, 2006.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudo de sociologia do desvio. 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 27. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

_____. **Perspectivas Sociológicas**. Uma visão humanística. 28. ed. Petrópolis, Vozes, 2006.

_____. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

CAMARANI, D. **Comparative Politics**. 1. ed. Cambridge, Polity Press, 2008.

CAVALCANTE, F. G. **Pessoas muito especiais**: a construção social do portador de deficiência e a reinvenção da família. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2003.

CENCI, A. V. Subjetividade, individualismo e formação moral no contexto de sociedades complexas e pluralistas. In: TREVISAN, A. L. et al (Org.). **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 67-79.

COHN, M. da G. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil Contemporâneo**. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L.; **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico: livro do estudante. 7. ed. Rio de Janeiro, LIBRAS editora gráfica, 2006.

FINE, M.; WEIS, L.; WESEEN, S. WONG, L. Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. In: DENZIN, N. K. ;LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 25. ed. São Paulo, Graal, 2012.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FRAZER, N. **Reconhecimento sem ética?** Lua Nova: Revista de Cultura e Política. São Paulo, 70: 101-138, 2007. ISSN 0102-6445.

FROW, J.; MORRIS, M. Estudos Culturais. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.; **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.

FRÚGOLI JUNIOR, H. **Sociabilidade Urbana**. 1. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo, Edusp, 2011.

GEERTZ, C. **Nova Luz sobre a Antropologia**. 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre, Penso, 2012.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13. ed. Petrópolis, Vozes, 2005.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. **Comportamento em lugares públicos**. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

HABERMAS, J. **Direito e Democracia: entre facticidade e validade**. Vol. 1. São Paulo, Martin Fontes, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAUCHAKJE, S. “Comunidade Surda”: as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In: _____ *et al* (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. 3. ed. São Paulo, Plexos, 2003. p. 57-76.

LANE, H. **A máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa, Instituto Piaget, 1992.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 18. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

LEMES, V. P.; FERREIRA, J. P. L. **A criança surda: estratégias fonoaudiológicas para auxiliá-la no contexto escolar**. In: *Forum*. Rio de Janeiro, INES, 2010.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Os discursos da diferença no contexto das políticas de inclusão: a anormalidade no detalhe. In: TREVISAN, A. L. (Org.). **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre, Sulina, 2010. p. 142-152.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: Cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo, Ucitec/UNESP, 2003.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARCUS, G. **Identidades passadas, presentes e emergentes**: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, v. 34, 1991. Disponível: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/41616086?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102410200387>

MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Revista Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 47, p.9-4, 2005. ISSN (online): 2236-0107.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge, Cambridge University, 1988.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 2011.

RAMOS, M. I. B. **Produção de mídias**: a linguagem imagética na educação. In: *Forum*. Rio de Janeiro, INES, 2010.

REPA, L. Reconhecimento da diferença na teoria crítica. In: TREVISAN, A. L. (Org.). **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre, Sulina, 2010. p. 17-34.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SLOMSKI, V. G. Educação bilíngue para surdos: uma síntese. In: _____. **Educação bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas. Curitiba, Juruá, 2011. p. 105-110.

SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. **Cidadania, Surdez e Linguagem**: desafios e realidades. São Paulo, Plexus, 2003.

SOLE, M. C. P. **Transtornos do desenvolvimento e aprendizagem do sujeito surdo**. In: *Forum*. Rio de Janeiro, INES, 2010.

SOUZA, J. ; ÖELZE, B. **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2005.

STRAUSS, A.; COBIN, J. **Pesquisa Qualitativa**: Técnicas e Procedimentos para o Desenvolvimento de Teoria Fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: ,Artmed, 2008.

TESKE, O. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 2011. p. 137-153.

THOMA, A. S. Surdos: esse “outro” de que fala a mídia. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 2011. p. 121-136.

THOMA, A. S.; SCHUCK, P. W.; MÜLLER, C. R.; ZANDONATO, L. P., **UNISCRIANÇA**: inclusão digital através de *softwares* com escrita de sinais. In: *Fórum*. Rio de Janeiro, INES, 2010.

TYLOR, Edward. “**A linguagem gestual**” [1870]. In *Ponto Urbe*, vol. 4, julho de 2009.

VELHO, G. O estudo do Comportamento desviante: A contribuição da Antropologia Social. In: _____ (Org.). **Desvio e Divergência**: uma crítica da patologia social. 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 11-51.

VILHALVA, S. **Índios Surdos**: mapeamento das línguas de sinais no Mato Grosso do Sul. Petrópolis, Arara azul, 2012.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.: *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

WILCOX, S.; WILCOX, F. **Aprender a ver**. Petrópolis: Arara Azul, 2005.

ANEXO 1

Exercícios de diálogo em Libras, praticados no curso em 2007 (FELIPE, 2006: 47).

EXERCÍCIO

DIÁLOGO 1: NA ESCOLA

a- O-I, VOCÊ?
b- O-I, (expressão facial "surpreso") SIM, EU

a- VOCÊ LEMBRAR NÃO EU?
b- LEMBRAR NÃO.

a- EU, NOME-DE-SINAL. NOME..... VOCÊ ^{2s}ENSINAR ^{1s} LIBRAS. AQUI. LEMBRAR? *ensinar (pl) / lembrar*
b- AH! (expressão facial "lembrar")

a- BO@ ENCONTRAR. TUDO-BEM?
b- TUDO-BEM. DESCULPAR. (olhando para o relógio) EU IR AULA. TCHAU!
a- TCHAU.

DIÁLOGO 2: NO HOTEL

a- VOCÊ SURD@?
b- O-I, (expressão facial "surpreso") SIM EU SURD@.

a- VOCÊ LEMBRAR NÃO EU? EU AMIG@ TAMBÉM PROFESSOR LIBRAS.
b- DESCULPAR, EU CONHECER NÃO, LEMBRAR NÃO.

a- (Explica as características do professor: Alto, magro, de óculos)
b- AH! (expressão facial "lembrar") CONHECER. BO@!

a- EU AMIG@.
b- BO@ CONHECER

a- DESCULPAR (olhando para o relógio). EU ATRASAD@. TCHAU!
b) TCHAU.

DIALOGO 3: NA RECEPÇÃO

a- O-I, TUDO-BEM? ME@ NOME
b- TUDO-BEM. SE@ NOME (procura a ficha)

a- NÃO, ERRAD@.
b- DESCULPAR. (Procura a ficha novamente)
ACHAR (Expressão facial "Achar") (Dá a ficha)

a- CERTO. OBRIGAD@. TCHAU
b- DE-NADA. TCHAU!

DIÁLOGO 4: NO CORREDOR DA ESCOLA

a- O-I TUDO-BEM?
b- O-I TUDO-BEM. VOCÊ TER AULA AGORA?

a- SIM, EU TER AULA LIBRAS
b- PROFESSOR@ QUEM-É?

a- PROFESSOR@
b- AH ! (Expressão facial "Espanto"). BO@. EU CONHECER NÃO! S-A-L-A NÚMERO?

a- DESCULPAR, EU ATRASAD@ AULA, EU SALA H-102, TCHAU! VOCÊ S-A-L-A QUAL?
b- EU, SALA F 120 OK?! TCHAU!

ANEXO 2

Palestra em Comemoração aos 20 anos da ASJF. Enquanto o palestrante surdo sinalizava no palco do anfiteatro³⁴, a intérprete Vívian falava ao microfone, traduzindo para o Português, o que via em Libras. Assim, pessoas que não sabiam sinais, podiam acompanhar a palestra. Mais à esquerda, o intérprete Renan sinalizava o que escutava da fala de Vívian, próximo a Adriana, moça surda com baixa visão, que não conseguia enxergar os sinais do palestrante no palco.



*Não consta na imagem.